



PRASHANTI VAHINI



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



PRASHANTI VAHINI

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2008 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ Televidas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br Loja virtual: www.fundacaosai.org.br Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

Coordenação de Publicação /Conselho Central Organização Sri Sathya Sai do Brasil

Organização Sri Sathya Sai do Brasil www.sathyasai.org.br

PRASHANTI' VAHINI

A SUPREMA PAZ CELESTIAL

Por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

AO LEITOR

Estamos, hoje em dia, no turbilhão de uma crise na história humana. O medo espalha-se pela humanidade, por todos os cantos do mundo. A ansiedade domina o coração do homem e priva-o, em todos os lugares, do sono e do descanso, da alegria e do riso. A virtude tornou-se rara e a perversidade veste-se de respeitabilidade. Na família, na sociedade, na nação e na comunidade humana, há um patético apelo por paz, *Shanti!* Mas não precisamos nos desesperar: temos uma Prashanthi Nilayam, a Morada da Paz Suprema, onde Bhagavan Sri Sathya Sai Baba inaugurou o processo de restabelecimento da mais elevada paz espiritual (*Prashanthi*)! Seus Miraculosos Poderes proclamam que Ele é Deus; Sua Onisciência assombra os luminares da ciência; Sua Onipresença é sentida, mesmo através dos sete mares; Sua Graça está disponível para todos que purificam seus corações com as lágrimas do arrependimento. Ele está, agora, com trinta e seis anos de idade, e prometeu usar essa vestimenta humana por uns bons sessenta anos mais. Ensina-nos o segredo de *Prashanthi*

1.NT: (1) Para a transcrição de termos sânscrito, télugo e híndi, adotou-se a mesma forma como foi aplicada a transliteração para o original em inglês – de onde foi traduzido este livro. Fica esclarecido que estão corretas as grafias seguintes usadas nesta e em outras publicações: “PRASHANTHI = PRASANTHI = PRASHANTI = PRASANTI”. São pronúncias diferentes de região para região na Índia.

em conversas, em discursos e por meio de cartas e artigos escritos. Esses últimos são encontrados na revista mensal publicada em Prashanthi Nilayam, e este livro é uma tradução, para o inglês, de uma série de artigos que Ele escreveu sobre o assunto '*Prashanthi*'. Estude-o com devoção, caro leitor, e pratique suas lições, pois elas são do próprio *Avatar* do Senhor, que veio para lembrar a antiga sabedoria aos homens que perderam o rumo.

N. Kasturi (1962)



PRASHANTI VAHINI
A SUPREMA PAZ CELESTIAL

Por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Lector! Que esta torrente de Amor Divino (*Prema*) possa apagar os ardentes fogos da inquietação, ignorância, injustiça e falta de fé que o estão consumindo, e saciar sua sede. Que ela derrame sobre você Paz, Alegria e Felicidade.

Há muitas pessoas que não estão a par nem mesmo do significado da palavra *Prashanthi*. Ela é como a coluna vertebral de cada indivíduo e, para o aspirante espiritual (*sadhaka*), como o próprio sopro vital. A palavra é entendida pelas pessoas com um significado diferente. Muitos sentem a Paz quando algum desejo mundano que os atormentava é satisfeito! Mas isso não é Paz Real; é apenas um intervalo temporário, de curta duração, entre uma preocupação e outra. A sílaba *Pra*, em *Prasanthi*, significa expansiva, engrandecedora, *Vikasa*²; então, *Prasanthi* significa esse tipo de Paz (*shanti*). Quer dizer, a ausência de desejo, raiva, cobiça e ódio.

Prasanthi significa sucesso na eliminação dessas características, agrupadas sob desejo (*kama*) e ira (*krodha*). Esse processo, chamado controle dos sentidos (*sama*), é essencial para todos. O aspirante espiritual (*sadhaka*) deve estar constantemente engajado em praticá-lo. O que o aspirante espiritual (*sadhaka*) empenha-se por conseguir? Realização, não é? Em outras palavras, esforça-se por paz (*shanti*).

2. *Vikasa*: (Sânscrito) A Lua. N.T.: no contexto, Baba deve estar se referindo à placidez, à calma que a Lua evoca com sua refrescante luz.

Ora, essa paz é a natureza inata do Homem. *Shanti* é a força que vem em auxílio daqueles que tentam desenvolver discernimento (*viveka*), renúncia (*vairagya*) e perspicácia intelectual (*vichakshana*). É apenas um aspecto do próprio *Atma*³. Do mesmo modo que o *Atma*, ela também não tem princípio nem fim, nenhuma imperfeição pode corrompê-la. É comparável apenas a si mesma. Não pode ser comparada com qualquer outra coisa.

Shanti deve manifestar-se em sentimento, palavra, postura e atos; *manas*, *vak*, *kaya* e *karma*, de maneira uniforme e em igual medida. Então, *Shanti* torna-se *Prashanthi*, a Paz Real. Privado dessa Paz, não se pode esperar obter bem-aventurança mundana, do outro mundo ou transcendente. *Shanti* é o berço de toda felicidade e alegria. Thyagaraja sabia disso, pois ele cantou: “*No Shanti, no Soukhya*” (Sem Paz, não há Felicidade). Todo homem precisa dela, seja quem for; seja *Dantino*⁴ ou *Vedantino*⁵, asceta ou erudito, santo ou filósofo.

Mas o homem é incapaz de permanecer tranquilo mesmo por um momento! Mera ausência de ira não pode ser tomada como paz. A conquista de um objeto desejado e a satisfação que se obtém, então, não deve ser confundida com paz (*shanti*). A paz que impregnou o coração não deve ser abalada posteriormente por qualquer razão; somente esse tipo de paz (*shanti*) merece ser chamado *Prashanthi*. *Prashanthi* não tem altos e baixos; não pode ser parcial na adversidade e completa na prosperidade. Não pode ser uma coisa hoje e

3. *Atma*, *Atman* - Ser, Espírito Universal, Alma. O Ser com limitações se chama *Jiva*, ou Alma Individual. O Ser sem limitações é *Brahman*, a Realidade Suprema.

Thyagaraja - um grande santo - compositor de música carnática.

4. *Dantino* - pessoa disciplinada, refreada; aquele que dominou seus sentidos ou paixões.

5. *Vedantino* - seguidor da Filosofia Vedanta.

outra, amanhã. Manter o mesmo fluxo de Bem-Aventura e Alegria (*Ananda*), sempre: isso é *Prasanthi*.

Prasanthi Vahini mostra-a e faz você compreender como obtê-la, como ela pode ser utilizada e quais são seus atributos. Todo aspirante espiritual (*sadhaka*) tem o legítimo direito de conquistar essa *Prasanthi*. Assim, deve aprender o caminho pelo qual pode ser alcançada. O mundo de hoje está sofrendo de política egoísta, religião niilista e competição impiedosa. Esse é, de fato, um vergonhoso estado de coisas. O homem esqueceu, completamente, sua fundamental natureza divina. Em uma crise assim, a coisa mais urgente é paz (*shanti*), amor (*prema*). Esses são os remédios que curarão essa ameaçadora doença. Nenhum outro medicamento pode melhorar a doença. Para obter a paz, o amor é o único meio. O combustível amor (*prema*) produz a divina chama da paz (*shanti*). O amor (*prema*) promove a harmonia de toda a humanidade, e essa harmonia, combinada com conhecimento espiritual, promoverá a paz mundial.

A autodisciplina é o fundamento básico para uma vida bem sucedida. Somente por meio disso, o homem pode atingir a paz real e duradoura. E, sem paz, não pode haver felicidade. A paz (*shanti*) é a própria natureza do *Atma*. Ela coexiste apenas com um coração puro; jamais está associada com um coração ganancioso, cheio de desejos. A paz (*shanti*) é o distintivo dos *Yogis*⁶, *Rishis*⁷ e *Satpurushas*⁸. Não depende de condições externas. Afastar-se-á do egoísta e do

6. *Yogi* - pronuncia-se iogui; pode significar: asceta, místico, partidário do sistema de filosofia Yoga.

7. *Rishi* - Adepto, inspirado, iluminado. Na literatura Védica, esse termo é empregado para designar aqueles personagens por meio dos quais foram revelados os diversos mantras.

8. *Satpurusha* - homem bom ou excelente.

sensual. Abomina a companhia dessas pessoas. Ela é característica do *Atma Interior*, maravilhoso, inabalável e permanente.

A paz (*shanti*) é repleta de elevação espiritual e da sabedoria, que é a companheira natural da bem-aventurança. A paz genuína somente é obtida pelo controle dos sentidos. Então, pode ser chamada *Prashanthi*. A experiência desse estágio é como uma Correnteza de Paz. Acalmando-se a agitação mental que surge como ondas, aplainando os vórtices e redemoinhos dos gostos, aversões, amor, ódio, tristeza, alegria, desespero, a paz (*shanti*) é obtida e mantida sem perturbação. *Shanti* é da mesma natureza do *Atma*. O *Atma* é imperecível. Ele não morre como o corpo e a mente. É universal, é sutil, e sua verdadeira natureza é o conhecimento. Assim, *shanti* também compartilha dessas características. O conhecimento do *Atma* destrói a ilusão, a dúvida e o pesar. Portanto o Conhecimento do *Atma* (*Atma Jnana*) confere a paz (*shanti*) imperturbável, e, com ela, santidade e felicidade.

O *Atma* não é o objetivo do conhecimento; ele é a própria fonte e origem do conhecimento. A sabedoria (*jnana*) é aquilo que mostra o caminho para o amadurecimento, a realização, a liberdade, a imortalidade, a eterna felicidade, a eterna paz. Aquele que é arrastado pelos caprichos dos sentidos não pode alcançar o *Atma*. *Brahman* é o único imutável neste mundo mutável. O *Atma* não é manchado pelas transformações, mudanças ou modificações externas. A glorificação do corpo não é o *Atma*; o *Atma* não é, para falar a verdade, nada que possa ser postulado. Ele não é isto nem aquilo. Dele, apenas pode dizer-se que seja Ele, o *Atma*, *Brahman*. O próprio *Brahman* se tornou verdade (*sathya*), amor (*prema*), luz, paz (*shanti*), sabedoria (*jnana*) e suprema bem-aventurança (*paramananda*). Por qualquer desses caminhos, você pode atingir *Brahman*. Não duvide disso. É a Verdade.

O *Atma* não é esses cinco sentidos, nem o intelecto (*buddhi*), nem os alentos vitais (*pranas*), nem a força vital. Ele somente pode ser descrito por aquilo que não é, não pelo que é. Ninguém pode dizer que ele é de tal ou qual aspecto. Se alguém disser que ele é desse ou daquele jeito, ou que é isso ou aquilo, podemos ter certeza de que não conhece nem sequer um pouquinho do assunto. Sobre uma coisa desconhecida, pode-se dizer muito; qualquer coisa, qualquer nome pode ser atribuído a ela. Em resumo, o *Atma* não pode ser comunicado em palavras; é impossível descrevê-lo, não importa quem tente.

A Bem-Aventura (*Ananda*) é a natureza primeira do Homem. Mas é uma pena que ele esteja procurando por ela em todos os lugares, exceto onde ela está disponível. *Ananda* não é alguma coisa sem vida e inativa. É outro nome para uma vida plena de propósito. *Shanti* é a autoridade sob a qual a lei de *Ananda* prevalece. Estabelece os limites e as regras para todas as atividades. Deve tornar-se tão estável, que não seja afetada pela mente, sempre divagadora, ou pelos sentidos voltados para o exterior. Somente pode ser experimentada, pessoalmente, pelo estado natural de sabedoria (*jnana*). É o tesouro mais precioso. Aquele que compreende aquilo que é imortal, que não pode ser destruído, que não é modificado, desfruta de paz (*shanti*). Também não conhece a morte.

Shanti é um oceano sem limites. É a Luz que ilumina o mundo. Possui-la é possuir tudo. Ela confere conhecimento tanto deste mundo quanto do outro. Conduz à compreensão de *Brahman*, o verdadeiro objetivo da vida humana, que o *Vedanta*⁹ procura ensinar.

9. *Vedanta* - "A conclusão dos Vedas" - É a essência dos Vedas (as mais antigas escrituras hindus), contida nos Upanishads (textos que versam sobre Deus, o homem, o universo e suas inter-relações). As filosofias do não-dualismo, não-dualismo qualificado e dualismo estão contidas nesse sistema filosófico.

O puro amor só pode emanar de um coração imerso na paz (*shanti*), pois ela é uma atmosfera que permeia e purifica. *Shanti* não é uma convicção a que se chega por meio da lógica. É a Disciplina de todas as vidas disciplinadas. A mente do homem é como uma folha de papel em branco, quando ele nasce. Tão logo o pensar, o sentir e o agir começam, o processo de poluição da mente também começa. O corpo depende do alento vital (*prana*). Depende da mente e dos desejos que agitam a mente. Retidão e Verdade são confundidas pelas necessidades de maneirismos, modas, convenções, costumes etc., e o indivíduo é arremessado em confusão. Seu isolamento é invadido e arrebatado dele.

Portanto a mente deve, primeiro, ser acalmada e aquietada. Somente assim, pode o corpo ser saudável, e o intelecto, aguçado. A mente é projetada apenas em um único objeto de cada vez, não em muitos. Mas ainda é um conglomerado de pensamentos, desejos, fantasias, imaginações e o resto. De fato, a mente possui, dentro de si, em resumo, a história inteira da criação. Esse é o Modelo Ilusório (de *Maya*) do homem. A mente é *Kurukshetra*¹⁰, (o campo de batalha) onde o bem e o mal, o certo e o errado lutam pela supremacia. O ferro somente pode ser desbastado pelo próprio ferro. Assim, também, a mente baixa, inferior, deve ser tornada melhor pela própria mente superior. O indivíduo deve tornar sua mente superior e mais forte, para a

10. *Kurukshetra* - o campo (kshetra) dos Kurus (ou Kauravas). Trata-se de um famoso campo de batalha onde os príncipes que representavam as forças do bem, os Pandavas, lutaram ao lado do Senhor Krishna, contra os seus perversos primos, os Kauravas, que haviam usurpado seu reino. Essa batalha é narrada no épico Mahabharatha e simboliza também a batalha simbólica entre as forças do bem e do mal, dentro do homem.

tarefa da elevação pessoal. Esse é o propósito deste *Prahsanthi Vahini*. Beba muito nas águas dessa correnteza, as águas da disciplina indicada aqui; mergulhe seu ser nela e torne-se purificado. Que seu frescor suavize suas tristezas e dores, apagando as chamas do pecado.

Outra enfermidade está agora começando a espalhar-se no mundo, para enfraquecer e diminuir a paz (*shanti*). Há muitos que, como papagaios, derramam abundantes conselhos sobre moral, religião e disciplina. Eles mesmos, porém, não praticam nem sequer um único ponto disso. Os assim chamados anciãos somente sabem como falar, não como agir. Como podem aqueles que ensinam a agir saber como falar disso? Palavras desprovidas de experiência – essa é a doença que aflige o mundo de hoje.

Isso deve, antes de mais nada, ser tratado e removido, pois a Paz é pervertida, desse jeito, para a humanidade. Falar é fácil para todos. O real aspirante (*sadhaka*), entretanto, é aquele que age e, então, fala a partir da experiência. Aquele que meramente fala, mas não age, é a pessoa que provoca desastres. Esses aspirantes (*sadhakas*) e santos (*sadhus*) perigosos têm-se multiplicado e confundido o caminho verdadeiro. Devotos inocentes e de mente simples, que se apegam a eles, são também desencaminhados e enganados. Que os leitores e os *sadhakas* observem, primeiramente, a conduta e, então, escolham. Se não há observância do conselho dado, tratem-nos com o respeito devido a uma gravação fonográfica; nada além disso. A gravação deve ser tratada somente como uma gravação, não como a Divindade, até que atinjam o estado em que a verdade de que “Tudo é Deus” se torne patente para vocês. É um grande erro e pecado, dizer “Tudo é Deus” em meras palavras e, na prática, tratar algo como não sagrado.

Muitos consideram a dicção e a oratória doce como importantes. É claro que são, até certo ponto; mas a doçura das palavras deve estar ali, sempre que o discurso for lembrado. Não devem tornar-se amargas com o passar do tempo. Somente assim, essas palavras são o Néctar da Imortalidade (*Amrita*). Presentemente, a doçura não persiste; em breve se torna amarga. A razão é que não há coordenação entre quem fala, o assunto e a conduta. Por isso, em vez de néctar divino (*Amrita*), as palavras agora se tornam sem efeito (*anrita*). A impressão será imutável e permanente, quando um bom assunto é revestido de estilo adequado, apresentando-se com o sentimento apropriado, com base na experiência real.

O que os aspirantes espirituais (*sadhakas*) devem fazer agora é isto: primeiro, o discernimento (*viveka*) deve ser desenvolvido, quer dizer, a capacidade de distinguir o eterno do transitório, decidindo-se sobre aquilo que vale a pena. Em segundo lugar, uma tentativa sincera deve ser feita para experimentar o que se escolheu como digno e verdadeiro. Por fim, essa tentativa não deve ser abandonada, independentemente do que se interponha no caminho. Esses três podem ser chamados de genuína austeridade (*tapas*). Somente por meio dessas austeridades (*tapas*), nascem a paz e a alegria reais.

Ora, tudo, desde a formiga ao Todo-Poderoso, está passando por uma ou outra mudança, a cada minuto. Não há objeto, nenhum ser vivo, que seja uma exceção a essa lei. A Criação está em perpétua mudança. Mas essa mudança é de dois tipos: externa e interna. A mudança externa pode ser facilmente percebida; a interna não é tão evidente, tão fácil de compreender-se. Por isso, é necessário, de início, treinar-se para entender as mudanças externas, que são mais claras e, então, gradualmente, abordar o problema de controlar a mudança

interior. Em qualquer desses dois processos que você esteja, atue com todo o coração para a satisfação de sua própria consciência, não para conquistar a estima dos outros, para agradecer-lhes, ou para ser elogiado por eles como um grande devoto (*bhakta*). Essa atitude é traição ao Ser (*Atmadroha*), indo contra os ditames da alma.

O Senhor ama o Interno, não o Externo. Mas você não deve negligenciar o externo. Mesmo no comportamento e nos atos voltados para o exterior, deve manifestar o sentimento interno. Isso proporciona uma chance de experimentar o sentimento de quietude e paz em mais ampla medida, pois o sabor dessa paz (*shanti*) deve ser desfrutado por pensamento, palavra, gesto e ato. Somente quando a paz é desfrutada em todos esses quatro aspectos, torna-se completa ou *Paripurna*. Em outras palavras: a mente (*manas*) se desvanece, e o estágio designado por paz genuína (*shanti*) ou *yoga* é atingido.

Filosofias que não podem ser compreendidas, escrituras que não são postas em prática – o mundo atual está cheio disso – é uma perda de tempo falar a seu respeito. A mudança real deve ser feita na conduta e no comportamento diário do homem, pois eles estão contidos dentro da experiência de todos, podem ser facilmente praticados, e seu propósito pode ser claramente assegurado. Somente quando são transformados, o *Atma* interior, mais profundo, misterioso e essencial, pode ser compreendido. Em cada pequeno ato, atividade e palavra, a pessoa deve discernir e adotar o melhor. Esse é o sinal do genuíno aspirante espiritual (*sadhaka*).

Nem a paz (*shanti*) nem a devoção (*bhakthi*), que a proporciona, podem ser obtidas por intermédio de outra pessoa; elas devem ser criadas e desenvolvidas por cada um, para si mesmo. Ainda assim, a pessoa deve ter também a Graça do Senhor, que é fundamen-

tal. Como é dito no Upanishad: “*Yameva vrunuthe thena labhyah:*” “Aquele que Ele escolhe, Ele possui”. Mas o aspirante espiritual pode ter dúvida: “Qual é, então, a necessidade da disciplina espiritual (*sadhana*)?” Aquele que pensa no Senhor com devoção pode superar qualquer tipo de *karma*, herdado (*Prarabdha*¹¹) ou acumulado (*Sanchitha*¹²). Com Sua Graça, pode experimentar mesmo a Bem-Aventurança (*Ananda*) inatingível. Não duvidem da utilidade da disciplina espiritual (*sadhana*); não, ela jamais será infrutífera, para ninguém. Mantenham essa convicção. A devoção (*bhakti*) inabalável conquistará a Graça do Senhor. Gajendra¹³ é um exemplo disso.

Cada um nasceu para uma tarefa, mas todos só podem existir por meio do mesmo tipo de alimento - *Shanti* - pois, sem ela, não há *Ananda*. *Shanti* embeleza cada ato; suaviza a essência mais dura do homem! Ela o conduz aos pés do Senhor e conquista para você a visão de Deus. Não conhece distinção: é a força que estabelece a igualdade. É o mel do Amor (*Prema*) na encantadora flor da Vida. É uma necessidade primordial para o *yogi* e para o aspirante espiritual (*sadhaka*). Tendo-a adquirido, eles podem perceber a Realidade amanhã, senão hoje. Devem ultrapassar todos os obstáculos no

.....
 11. *Prarabdha Karma* - o karma “maduro”, ou os efeitos dos atos passados que experimentamos no presente momento de nossa vida. Molda o nosso caráter e as circunstâncias que nos cercam. Talvez, por isso, Baba o tenha chamado de ‘herdado’.

12. *Sanchita Karma* - o karma “latente”, constituído pela multidão de causas que acumulamos em nossa vida, cujos efeitos não são imediatos; molda o nosso caráter e as circunstâncias que nos cercam. Talvez, por isso, Baba o tenha chamado de “acumulado”.

13. *Gajendra* - literalmente “Rei dos Elefantes” - há uma referência a esse elefante, chamado Airavata, no Cap. X, Verso 27 do Bhagavad-Gita. Ele surgiu como um dos subprodutos divinos da batedura do Oceano de Leite pelos Deuses e Demônios.

caminho, e a paz (*shanti*) dar-lhes-á a força necessária para isso. Apenas por meio da paz (*shanti*), pode a devoção (*bhakti*) expandir-se, e a mais elevada sabedoria (*jnana*) fixar raízes. *Jnanam*, nascida de *shanti*, é o único meio de viver a vida plena, ou a vida que não conhece a morte; pois a investigação sobre “Quem sou Eu?” limpa o caminho para a Realização. Assim, o homem deve esperar, com paciência e calma, depositando sua fé na Graça e Sabedoria do Senhor. Esse investigador será sempre determinado e penitente. O homem torna-se destemido e, em consequência, repleto de paz pela convicção de que o Senhor está em todo lugar, presente de modo visível.

Para conquistar a paz (*shanti*), sua inveterada inimiga, a ira, deve ser destruída. A ira é o fruto da mente atormentada; escraviza o homem e confunde seu entendimento. A compreensão torna-se fácil quando você está cheio de devoção (*bhakti*), e sua devoção é profundamente enraizada. A forma de devoção (*bhakti*) denominada *Santha-Bhakti*¹⁴ (Devoção expressa por meio da paz) é o melhor caminho para atingir a eterna, permanente Bem-Aventura (*Ananda*). Tornem-se os mensageiros da Paz que não tem princípio nem fim. Exibam para a humanidade a Luz da Paz. Vivam a vida ideal, sempre satisfeitos, sempre alegres, sempre felizes.

Os aspirantes espirituais (*sadhakas*) e devotos (*bhaktas*) da anti-guidade só atingiram sua meta por meio de *Shanti*. *Shanti* forneceu a Ramdas, Tukaram, Kabir, Thyagaraja, Nandanar etc., a fortaleza necessária para suportar toda a calúnia, a tortura e o trabalho árduo que foram a sua sina. Se os aspirantes espirituais basearem seus esforços nesses exemplos, serão livres de ira, desespero ou dúvida.

14. *Santha-Bhakti* - uma das formas de Devoção a Deus. Pode-se traduzir como “devoção beatífica”.

As narrativas de seus esforços e sucessos, se contempladas, são mais úteis ao aspirante espiritual do que a contemplação dos poderes e realizações do Senhor. Elas o ajudarão a tentar, em suas próprias experiências, os métodos que esses outros desenvolveram. Pode-se atingir *shanti*, lembrando como eles superaram limitações, suportaram problemas, e quais caminhos trilharam para atravessar para outra margem. Chegarão à conclusão de ter sido *shanti* o principal instrumento que os salvou das espirais da ira, da dor, da vaidade, da dúvida e do desespero. Por isso, escutem, ó *sadhakas*! Adquiram o instrumento *shanti* pela Graça do Senhor. Dirijam todos os esforços para esse fim.

Qualquer que seja o problema, por maior que seja o trabalho, persistam e vençam, por meio da Recordação (*Smarana*). Lembrem-se de Bhishma¹⁵! Embora prostrado em um leito de flechas, suportou a dor pacientemente, aguardando a aurora do momento auspicioso. Jamais clamou por Deus em sua agonia, pedindo-Lhe que pusesse um fim em seu sofrimento. “Eu devo suportar tudo, qualquer que seja a dor, não importa o quando dure a agonia. Devo permanecer em silêncio até que chegue o momento. Leve-me quando ele despontar”, ele disse, pois Bhishma era o maior dentre os *Santha-Bhaktas*. Ele permaneceu firme e inabalável.

Shanti é essencial para cada um; possuí-la é possuir tudo; não tê-la, leva embora a alegria de tudo. Embora *shanti* seja a natureza própria

.....
 15. *Bhishma* - O principal general das hostes dos Kauravas. Apesar de estar a serviço destes, Bhishma é tido como exemplo de homem virtuoso e sábio. Os seus circunstanciais inimigos, os Pandavas, o amavam e veneravam. O episódio narrado à continuação, por Baba, refere-se aos momentos que antecederam sua morte, nos quais recebeu a visita dos irmãos Pandavas, que vinham prestar-lhe as últimas homenagens. Na ocasião, Bhishma pôde dar-lhes valiosos conselhos sobre como governar um reino.

do Homem, ira e cobiça conseguem suprimi-la. Quando elas são removidas, *shanti* brilha com seu próprio esplendor.

O homem deve ter sempre pensamentos calmos. Somente, então, sua mente pode ter equanimidade. É somente uma questão de disciplina da mente, difícil no começo, mas, uma vez dominada, é capaz de conquistar todos os problemas e preocupações. Uma mente serena é fundamental para todo aspirante em desenvolvimento; é uma de suas qualidades mais úteis. Uma mente assim confere força e felicidade reais. Esforcem-se para adquiri-la, mesmo que possam falhar em até sete tentativas. Com certeza terão sucesso na oitava, negando-se a desanimar. A história de Bruce¹⁶, que se inspirou em uma aranha e conquistou as honras da vitória na oitava tentativa, é digna de ser lembrada. Que lhe deu a vitória? *Shanti*, a mente tranquila. Ele não cedeu ao desespero, à covardia ou ao desamparo; estava calmo o tempo todo, e obteve sucesso. Mesmo que a calamidade ocorra, o aspirante espiritual (*sadhaka*) não deve desanimar. A mente deve sempre ser pura, brilhante e calma, cheia de coragem. Nada de lamentações pelo passado, nem falhas na execução da tarefa que tem em mãos: essas são as marcas do aspirante espiritual (*sadhaka*). Estejam preparados para enfrentar, contentes, qualquer obstáculo no caminho. Somente eles podem ajudá-los a realizar a meta.

Exaltação, alegria e satisfação no lucro; depressão na perda e na miséria: essas são as características naturais, comuns a todos os mortais. Qual é, então, o mérito do *sadhaka*? Ele não deve esquecer o princípio: estar vigilante e sofrer, alegremente, o inevitável. Quando

.....
 16. Baba refere-se à aranha como exemplo de perseverança e paciência, pois constrói a teia quantas vezes sejam necessárias, mesmo que seja destruída. Provavelmente, a história a que se refere no texto destaca esses princípios.

as dificuldades e perdas o esmagarem, não desanime nem aja precipitadamente, mas medite calmamente sobre como elas vieram acontecer. Tente descobrir algum meio simples de sobrepujá-las ou evitá-las, em uma atmosfera de paz! Quando o golpe é dirigido à cabeça, cuide para que somente o turbante seja atingido: essa é a marca da inteligência perspicaz. *Shanti* é essencial para essa agudeza intelectual. Pressa e preocupação confundirão a inteligência. *Shanti* desenvolve todas as características benéficas do homem. Mesmo a prudência desenvolve-se por meio da paz. Por meio dela, obstáculos e perigos podem ser antecipados e evitados. Aqui, os *sadhakas* devem dar atenção a alguns pontos sutis. Eles possuem alguns problemas particulares, isto é, suas fraquezas, equívocos, obstáculos, etc. A Força de Vontade ou *Ichasakthi*¹⁷ pode ser tão purificada e fortalecida, que essas fraquezas nunca mais serão lembradas. Se os pensamentos correm atrás dos deslizos e começam a considerar como sucederam, quando aconteceram, etc., vocês estão propensos a cometer alguns mais. Uma vez que tenham sido reconhecidos como falhas, por que preocupar-se com seu nascimento e ancestralidade? Em vez disso, façam com que suas mentes apoiem-se em boas coisas. Qual a vantagem de perder tempo com coisas que não são mais necessárias? Não pensem mais nelas. O *sadhaka* descobrirá que essa atitude é muito útil.

Se o *sadhaka* não tem sucesso em seguir uma disciplina, deve investigar e descobrir a causa dessa frustração. Essa análise é necessária. Ele deve, então, providenciar para que, no segundo estágio, essa característica não se repita. Deve dar o melhor de si para proteger-se contra ela. Nesses assuntos, deve-se ser rápido e ativo, como o

.....
 17. *Ichhasakthi* - o Poder (sakthi) da Vontade (icha); a força de vontade

esquilo. Agilidade e vigilância devem ser combinadas também com astúcia. Tudo isso só pode ser conquistado por meio de *shanti*.

Dedicação constante e concentrada é muito importante para evitar conflitos na mente e para superá-los. A pessoa deve estar calma e serena. Coragem, conselho sábio e firmeza tornarão a Vontade, a *Ichasakthi*, forte e inflexível. Face brilhante, olhos luminosos, um olhar determinado, uma voz nobre, a caridade generosa, bondade constante são os sinais indicativos de uma força de vontade em desenvolvimento. Uma mente sem agitações, uma aparência alegre e perfeita, são as marcas da pessoa na qual a paz criou raízes.

O devoto (*bhakta*) bem que pode orar e pedir ao Senhor a graça dessa paz e também as virtudes, boas qualidades (*sadgunas*) necessárias para o seu desenvolvimento. Ora essa! O aspirante espiritual (*sadhaka*) tem como recurso para conquistar quaisquer desses objetivos, somente esta única coisa: a oração. Algumas pessoas podem ter algumas dúvidas com relação a isso. Qual é o valor da oração? O Senhor satisfará tudo aquilo que pedimos em nossas preces? Ou nos dá apenas aquilo que, de acordo com Ele, nós precisamos ou merecemos? Não é? Será que o Senhor gostará de nos dar tudo aquilo que Lhe pedimos em nossas preces? Sob tais circunstâncias, qual é a utilidade da oração? É claro que todas essas dúvidas podem ser esclarecidas.

Se o devoto (*bhakta*) entregou tudo o que é seu, ou seja, corpo, mente e existência, ao Senhor, Ele em Pessoa cuidará de tudo, pois sempre estará com o devoto. Nessa situação, não há necessidade de prece. Porém, será que vocês dedicaram e entregaram tudo ao Senhor? Não. Quando ocorrem perdas, sobrevêm calamidades, ou os planos não dão certo, o devoto culpa o Senhor. Alguns, por outro lado, oram a Ele para que os salve. Se evitarem tudo isso, bem como

a confiança nos outros, e depositarem uma fé integral no Senhor a todo o momento, por que Ele lhes negaria a Sua Graça? Por que Ele desistiria de ajudá-los? Os homens não confiam total e constantemente no Senhor; por isso, embora vocês tenham de ser os agentes e os instrumentos para fazer tudo, continuem orando com devoção e fé. Fé é produto de *Shanti*, não de afobação e de pressa. Para a aquisição da Graça do Senhor e da resultante Consciência da Realidade, a qualidade de *Shanti* é primordial. Todo aspirante espiritual sabe como Draupadi¹⁸ mereceu a Graça do Senhor, por intermédio do seu *Dharma*¹⁹ e da sua *Shanti*. Embora seus esposos fossem poderosos heróis e monarcas famosos, ela buscou refúgio no Senhor Krishna, sentindo que todos os outros não tinham utilidade. Mas Prahladha²⁰ não buscou refúgio em circunstâncias similares. Havia entregado *tudo*, desde o nascimento, ao Senhor; sabia que o Senhor estava sempre a seu lado, e que ele estava sempre ao lado do Senhor; portanto, não tinha necessidade de chamá-Lo, pedindo proteção. Prahladha não tinha consciência de nada, exceto do Senhor; não conseguia distinguir entre uma e outra função do Senhor. Então, como poderia orar por proteção, aquele que não tinha conhecimento de que Ele punia? Para todas essas almas imersas em Deus e dedicadas, a oração é desnecessária.

Porém, até que esse estágio seja atingido, a oração, em atitude de paz, é essencial para os aspirantes espirituais. Preces desse tipo pro-

.....
 18. *Draupadi* - única esposa dos cinco irmãos Pandavas. Acompanhou-os ao exílio e sofreu, junto com eles, todas as humilhações e armadilhas planejadas pelos inimigos Kauravas.

19. *Dharma* - Virtude, conjunto de virtudes, Dever, Lei, Religião, Retidão.

20. *Prahladha* - filho do rei Hiranyakashipu, um poderoso demônio. Prahladha tinha completa devoção ao Senhor, tendo enfrentado a ira de seu pai por isso.

moverão equanimidade, ou *samarasa*. Pode-se orar ao Senhor por meio de *Kirtana*²¹, *Japa*²², *Dhyana*²³ ou *Bhajans*²⁴. Em cada um desses, o principal item é o Nome Divino. É por isso que Krishna falou, na Gita²⁵, em *Japayajna*²⁶. Quando se faz *japa*, é melhor recitar em voz alta e torná-lo *bhajans*. Isso inspirará a reunião. Se os *bhajans* são cantados com voz doce, as pessoas se aproximarão de Deus. Gradualmente, o Amor a Deus se desenvolverá, e Sua Graça seguir-se-á no devido tempo. Deve-se esperar pacientemente pela Graça.

Mesmo para ser abençoada pela Graça de Deus, a pessoa deve ter *shanti*, e esperar pacientemente. Somente a serenidade tem sucesso em produzir o resultado do *sadhana*. Acrescentem essa lição às práticas em que estão engajados, noite e dia, e ao *Shanti Mantra*. “*Asatho ma sadgamaya; thamaso ma jyothir gamaya; mrityor ma amritham gamaya*.” esse é o *Mantra* da Paz (*Shanti Mantra*). Diferentes significados são atribuídos a esse *mantra* por várias pessoas: alguns elaborados, outros, sucintos. “Ó, Senhor! Quando estou obtendo felicidade por meio dos objetos do mundo, faça-me esquecer aqueles irrealis, e mostre-me o caminho para a felicidade permanente”.Essa é a primeira oração. “Ó, Senhor! Quando os objetos do mundo me atraem, remova a escuridão que esconde o todo penetrante *Atma*, que cada objeto realmente é.”

21. Cânticos devocionais em procissão.

22. Repetição do Nome de Deus, orações ou mantras com o auxílio de um rosário.

23. Meditação.

24. Cânticos devocionais

25. (Bhagavad) Gita - literalmente ‘A Canção do Senhor’ - o Evangelho de Krishna, confidenciado a seu primo e devoto, Arjuna, momentos antes do início da batalha de Kurukshetra.

26. O sacrifício (Yajna) da Repetição do Nome de Deus (Japa).

Essa é a segunda oração. “Ó, Senhor! Abençoe-me por intermédio de Sua Graça, com a Imortalidade, ou *Paramananda*, resultante da consciência da Efulgência do *Atma*, imanente em cada objeto.” Essa é a terceira oração. Eis o real significado do *mantra*.

O verdadeiro devoto (*bhakta*) terá sempre sua vida concentrada em Deus. Jamais terá tempo de perceber ou sentir alegrias ou preocupações. Chegar ao Senhor é a única ideia na sua mente. É difícil compreender esse comportamento, exceto por um exemplo como este: uma criança sai correndo, com medo, gritando “Mamãe, mamãe!”, procurando por sua mãe, que imagina perdida. A mãe coloca-a no colo e abraça-a. Imediatamente, a criança para de chorar e está livre de qualquer medo. Pode, porém, a criança avaliar e descobrir a diferença entre seu estado anterior e o presente alívio? Não. Nem é necessário fazer isso. Assim, também, aquele que busca sempre servir ao Senhor, mergulhará n’Ele quando a gloriosa chance chegar. Nessa Presença, nenhuma ansiedade ou problema o perturbará. Ansiedade e problemas só perturbam até o momento da realização; depois, toda atenção é desviada para a Experiência. As lutas e esforços passados são esquecidos.

Os aspirantes espirituais e devotos devem, portanto, ignorar e esquecer os milhares de problemas passados e engajarem-se apenas em pensar no Senhor. Mergulhem nesses pensamentos e obtenham deles alegria. A devoção (*bhakti*) não tem outra recompensa: ela é a causa e também o efeito - não existem dois. *Bhakti* é, por si mesma, a Realização. Também pelo Caminho da Sabedoria (*Jnana*), quando o véu da ignorância (*ajñana*) é removido, acontece a mesma Realização. No Caminho da Devoção não há outra fonte de alegria, a não ser o Senhor. Cada obstáculo nesse caminho pode ser superado por meio do Poder da Percep-

ção (*Chitsakthi*). Esse poder é enfraquecido pelo egoísmo (*ahamkara*) e sentimento de posse (*mamakara*): o sentimento de que “eu sou aquele que desfruta”, “essas coisas são minhas”, etc. Enquanto se tem esse tipo de consciência, não se pode ter satisfação real. A pessoa será levada a buscar coisas que lhe deem mais e mais prazer.

Todo devoto almeja experimentar a alegria da Suprema Bem-Aventura como resultado do seu *Sadhana*. Mas essa Bem-Aventura não é uma experiência nova, a ser conquistada ou adquirida por meio do *Sadhana*: está sempre com ele, é inerente a ele. Acontece que ele, por enquanto, não é capaz de senti-la por causa dos obstáculos do ego, que funciona como uma tela escondendo-a de si próprio. Ele tem de rasgar esse véu em pedaços. *Sadhana* é tudo que o *Sadhaka* deve fazer. Então, a eterna Bem-Aventura pode ser reconhecida. Ela não surge como uma coisa nova, está sempre lá. O que vem e vai é a tela do “eu” e do “meu” que encobre a Bem-Aventura.

Enquanto tenta remover o véu do egoísmo (*ahamkara*) e possessividade (*mamakara*), o aspirante espiritual não deve apressar-se freneticamente, nem preocupar-se em demasia, se não descobre a Bem-Aventura esperada. Nesses momentos, *shanti* é uma ajuda infalível. Se *shanti* for bem cultivada a princípio, depois vocês poderão ter êxito em qualquer tarefa, por mais difícil que seja. Todos são capazes de conseguir uma Paz desse tipo e beneficiar-se dela. Todos são filhos de *Shanti*; embora seja grande a prole, ela é a mãe de todos. Para cada um, velho ou moço, grande ou pequeno, ela é “mãe” em igual medida; devem referir-se a ela como “mãe” quando chamarem por ela. Filhos criados por *Shanti* evitam todos os sofrimentos e penas, aguentam todo tipo de felicidade e, finalmente, repousam sua cabeça no colo da “mãe”, em perfeita segurança.

Para ganhar essa perfeita segurança, tem-se de seguir o caminho da devoção (*bhakti*) total, dedicando-se ao Senhor. Ela não pode ser obtida por nenhum outro meio. O caminho da Sabedoria (*Jnana*) só é possível para uma pessoa em um milhão. Está além do alcance de todos. É possível negar o corpo e o mundo objetivo, tão patente aos nossos sentidos, pela repetição: “Isto não! Isto não!” (*Nethi! Nethi!*²⁷) e, ainda que isso seja possível, como pode o argumento “*Nethi Nethi*” ser aplicado? Sob tais condições o Caminho da Sabedoria (*Jnana Marga*) é mesmo muito difícil. Também o Caminho da Ação (*Karma Marga*) não é de fácil realização. Ele é cheio de dificuldades. Para realizar trabalho com o espírito adequado, o amor e a devoção (*prema* e *bhakti*) são essenciais ao sucesso. Do mesmo modo, o Caminho do Yoga (*Yoga Marga*) também está cheio de obstáculos. Portanto, o Caminho da Devoção (*Bhakti Marga*) é o mais suave, o que melhor conduz ao sucesso e o mais proveitoso e abençoado.

Mesmo este *Bhakti Marga* não se pode definir ou demarcar. Uma vez que tem muitas formas, muitos caminhos e muitos tipos de experiência, é impossível para alguém descrevê-lo acurada e perfeitamente. Cada devoto (*bhakta*) só consegue *Ananda* por sua experiência pessoal; pela experiência de outros ele consegue, no máximo, o encorajamento e a orientação. A experiência muda de pessoa para pessoa, por isso frustra comparações e mesmo descrições. Se alguém é capaz de descrevê-la com exemplos e limites, pode-se ter certeza de que essa experiência não é real. A alma limitada está imersa no ilimitado Amor do Senhor. Então, como podem as palavras descrever essa experiência chamada pelos Upanishads de “*Akhandaikarasa*” - o Con-

27. Baba refere-se ao processo de investigação estabelecido pela Vedanta para a descoberta da Realidade, pela negação constante daquilo que não é essa Realidade.

stante e Unificado Fluxo de Doçura? O homem não pode expressar, na linguagem humana, esse estado de Ilimitada Devoção. Por meio de sinais visíveis, que podem ser reconhecidos pelos sentidos, pode-se perceber que o devoto está em elevado estado de Bem-Aventura; mas quem pode medir a profundidade desse contentamento? Ela não tem nenhuma relação com os sentidos. *Bhakti* tem de ser realizada em sua própria experiência individual, embora as grandes almas possam iluminar um pouco o seu caminho com seus exemplos. Com essa ajuda, você pode entender um pouco o Caminho, mas, lembre-se sempre de que as palavras falham quando se referem ao Transcendente. São úteis somente com respeito ao mundo objetivo. São instrumentos sem valor algum nas regiões da experiência, nas quais as comparações são impossíveis. Considerem os seguintes exemplos: *Maytreyi*, uma das principais *bhaktas* entre as mulheres, comparou a mente de um *bhakta* a um lago tranquilo, isto é, sem agitação das águas. A mente torna-se *Jada*, inativa, ineficiente por assim dizer, envolta no nada. *Kapila Maharshi*²⁸, falando da mesma devoção, comparou-a a uma corrente constante. Correntes como a do Ganges e a do Godavari fluem ininterruptamente, sem descanso, na direção do mar; do mesmo modo,

.....

28. *Kapila* - Grande Iluminado (Maha Rishi) da Antiguidade, tido como fundador do sistema Sankhya de Filosofia. Figura em um Purana como dotado de poderes tão vastos que incinerou, de uma só vez, e com um simples olhar, milhares de homens cruéis, filhos do rei Sagara. Coube a um descendente dessa dinastia real, por meio de severas penitências, atrair o rio Ganges (a Mãe Ganga) que corria nos céus, para fluir pela terra, sobre as cinzas de seus antepassados, apagando seus pecados. Shiva ofereceu-se para deter, então, a força da Mãe Ganga em seus cabelos. Essa história é rica em significados simbólicos, mas foge ao propósito desta nota decifrá-los: limitamo-nos a mencioná-la.

o *bhakta*, desde o nascimento, almeja alcançar o Oceano da Graça do Senhor. *Bhakti* é aquela relação permanente: qualquer que seja a tarefa em mãos, qualquer que seja a estrada a percorrer, a mente só lida com a meta, aquela de atingir o Senhor.

No *Devibhagavatham* (um dos Puranas), é dito que *bhakti* é como o fluxo de óleo de uma vasilha para outra: *Thailadharavath*. Isso é mais ou menos como a imagem do rio. Sankara caracteriza *bhakti* de modo diferente no *Sivanandalahar*²⁹: assim como um pedaço de ferro é atraído pelo imã, o indivíduo (*jivi*) é atraído para o Senhor e n'Ele se prende firmemente. Todas as modificações da mente fundem-se aos pés do Senhor. *Ramanuja*³⁰ explicou que a devoção (*bhakthi*) e a meditação (*dhyana*) praticadas com amor (*prema*) são, essencialmente, a mesma coisa. Embora sejam interpretações diferentes, todas estão corretas, porque são baseadas em experiências reais, que não podem ser negadas. Essas declarações não esgotam os tipos; existem muitos mais porque *bhakthi* tem milhares de formas: ela flui ao longo de milhares de correntes para alcançar o Oceano da Graça do Senhor. A meta de todas as formas é a fusão da alma individual (*jiva*) e Brahma: uma absorção que é uma experiência.

Muitas pessoas são desencorajadas pelo medo de que tal fusão esteja além de seu alcance nesta Era de *Kali* (*Kali Yuga*), não importa o quanto insistam. Porém, isso é um tipo de fraqueza e nada mais. Não é uma questão do caminho de união (*yoga*) adotado. Qualquer que

29. *Sivanandalahar* – livro escrito por Shankaracharya, que descreve a Bem-Aven-turança obtida de se fundir com Shiva.

30. *Ramanujacharya* ou *Ramanuja-acharya*: “mestre Ramanuja”: filósofo e reformador, nascido no ano 1017 de nossa era, e fundador da escola Vishstadvaita ou Não-dualismo qualificado, da Vedanta.

seja o caminho, se existe Fé em si mesmo e Fé nas Escrituras Sagradas (*Sastras*), a meta está ao alcance. Alguns fingem ter Fé em ambos, enquanto duvidam, no fundo do coração. Cada um pode descobrir por si mesmo a medida de sua fé pelos resultados. Se a experiência da fusão está ausente, é devido à ausência dessas duas. Elas devem ser uma só, como a própria expressão da existência. Somente, então, terão sucesso no *sadhana* e obterão *Aikya*³¹.

Naturalmente, aqueles que não têm Fé não têm coisa alguma: não podem beneficiar-se com conselhos. O atual estado das coisas no mundo deve-se aos homens terem perdido a fé em si mesmos e nos Códigos Morais (*Sastras*³²). Mesmo aqueles que proclamam sua fé não se comportam de acordo com os *Sastras*. Consequentemente, a bondade e as qualidades puras (*satvicas*) deixaram o mundo, e os hábitos pecaminosos e a degradação ganharam o controle. Para esta atmosfera ser transformada e para o mundo ter segurança e paz, cada crente (*asthika*), cada pessoa piedosa e temente a Deus deve cultivar Fé em si mesma e nos *Sastras*, praticando, em sua própria vida, as disciplinas prescritas neles. É claro que algumas modificações podem ser necessárias, levando-se em consideração o lugar, a época e o indivíduo, mas a perspectiva fundamental e o significado principal não devem ser modificados. Os meios pelos quais esses ideais são alcançados podem ser modificados, mas não os ideais em si.

Uma criança pode recusar-se a engolir um comprimido, quando está com febre na cama, e pedir uma banana em vez do comprimido. Você

.....
31. Aikya, Aikyam - a fusão com o Divino.

32. Sastra - na definição do próprio Sai Baba: Código moral; escritura que ilumina, que comanda ou instrui, com autoridade, os preceitos para a vida prática. (N.T.: certamente o que Baba diz aplica-se aos códigos morais de todas as religiões.)

sabe que fazer? Não esqueça o comprimido; coloque-o dentro da banana e ofereça-o à criança para ser engolido. Seu desejo será atendido e a febre baixará. O fundamental não foi descartado, permaneceu imutável; apenas o método de administrar foi modificado. Assim, também, em meio aos loucos hábitos e comportamentos de hoje, não há sentido em apresentar os *Sastras* numa linguagem com a qual a maioria das pessoas não está familiarizada. Podem, entretanto, ser explicados numa linguagem de fácil entendimento. Os fundamentos dessas Escrituras não serão afetados por isso. Aí, então, poderão ser praticados, entendidos, experimentados e usufruídos. Em consequência, a Fé nos *Sastras* será fortalecida, e a Paz, estabilizada com base na Fé. Portanto cada crente deve praticar a importante orientação dos *Sastras*, demonstrando em sua vida a doçura de uma vida assim dedicada, a fim de que outros possam apreciar a verdade e o valor dos ideais e disciplinas.

Alguns destacados personagens, proclamando-se “grandes”, falam dos *Vedas*, dos *Sastras* e do *Atma*; livremente, citam comparações e metáforas contidas nos livros, mas, por sua conduta, enfraquecem seu brilho. Que adianta encher o resto do corpo com consciência vital se os olhos estão fechados? Nem mesmo um simples passo a frente pode ser dado. Da mesma forma, se o olho da Fé nos *Sastras* estiver fechado, que a pessoa poderá realizar, quando solicitada?

De hoje em diante, portanto, os leitores que são aspirantes espirituais devem tentar compreender o significado básico dos *Sastras*. Constituem um guia sagrado ao longo do caminho. Se não acreditarem neles, a Realidade escapar-lhes-á. Para compreendê-los, devem ter paz e perseverança. *Shanti* é de grande ajuda nisso. Se os grandes personagens apenas explicarem isso aos ignorantes em linguagem simples e acessível, então desaparecerão o descontentamento e a inquietude,

aumentando a crença em Deus. A harmonia surgirá entre os homens. A promoção dos *Sastras* promoverá o bem-estar do mundo.

Para promover os *Sastras*, fale a Verdade (*Sathyam Vada*); para promover o mundo, fale agradavelmente (*Priyam Vada*). Se as duas coisas forem observadas e praticadas, não há necessidade de disciplina maior. É somente em uma atmosfera de *Shanti* que tais máximas sagradas podem ser postas em prática.

Para obter essa tranquilidade, são essenciais o esforço e a harmonia constantes, da mesma forma que para promover os *Sastras* e o mundo. Quando *Shanti* é alcançada, então tudo é harmonia ou equanimidade (*Samarasa*), a verdadeira natureza de *Shanti*. Todos devem ter essa *Shanti* e essa equanimidade, devendo estabelecer uma Era de Crença e de Fé, isenta de comportamentos, atitudes, hábitos e caráter em desacordo com os *Sastras*.

Para esse propósito, um exército de *Sadhakas* tem de ser treinado nos Mosteiros (*Ashrams*) e Centros de Fé. Esta é a principal responsabilidade daqueles que dirigem os *Ashrams*: devem ter fé em si mesmos, a fim de treinar o exército na direção correta. De outra forma, as coisas tornar-se-ão mais confusas. Os mais velhos e os chamados “grandes personagens”, por causa de suas práticas, são responsáveis pela evidente falta de fé nas Escrituras, neles mesmos, e pela conseqüente discórdia e inquietação. Por essa razão, todos devem preparar-se para um grande esforço a fim de restabelecer e restaurar *Shanti*. A devoção (*bhakti*) é o próprio manancial dessa paz (*shanti*) e, por isso, se cada um a plantar em seu coração e a cultivar com cuidados e atenção constantes, poderá ser obtida uma colheita de bondade e de harmonia. Nas presentes condições, o caminho de *bhakti* é o melhor.

Eis porque o Bhagavata³³ está impregnado de *bhakti*. Sem ela, o Senhor não pode ser compreendido. *Sakthi*³⁴, por mais elevada e poderosa que seja, se pretende proteger e promover o mundo, tem de assumir a forma humana. Só assim, sob esta forma, será permitido a todos ouvir e aprender; honrar e servir. Aqueles que não têm devoção verão essa forma como meramente humana, porque não podem perceber o Princípio Absoluto, o *Parathatwa*. Por essa razão, é dito na *Gita*: “Os tolos zombam de Mim quando desço sob forma humana. Eles não conhecem Minha natureza transcendental como o Supremo Senhor de tudo o que existe.” (*Gita*, cap.9-11: “*Avajananti mam mudha manushim tanum asritham param bhavan ajananto mama bhuta-maheshvaram*”) Os homens falham em manter uma fé perseverante nessa inestimável declaração. Isso é o pior dos sacrilégios.

Pensando bem, a Índia (*Bharatadesa*) é o mais sagrado de todos os países. Os significativos Sacrifícios Espirituais (*Yajna*) e o *yoga*, que tiveram origem na Índia, o modo de vida das pessoas daqui, não são encontrados em nenhum outro país ou na história de qualquer outro povo. Esse intenso culto ao espírito e uma literatura espiritual de tamanha utilidade nasceram das experiências do povo deste país! Ele está em primeiro lugar nesse campo! Os Quatro Vedas,

33. *Bhagavata* - um dos Puranas. Essa obra, dedicada à glorificação de Vishnu, conta, entre outros, episódios da vida do Senhor Krishna, seus milagres e seus ensinamentos de amor divino e devoção. Segundo Sai Baba, o nome pode aplicar-se às experiências daqueles que contataram Deus. Também indica aqueles que têm apego a Deus, que buscam a companhia de Deus. Os Bhagavatas são os devotos, a propriedade de Deus, aqueles que evitam tudo que não é devoção.

34. *Sakthi* - o Poder Divino, a Divina Energia. No texto, tem esse significado. Também é um dos nomes da consorte de Shiva, o Aspecto Transformador de Deus.

os Seis Darsanas³⁵ os Dezoito Puranas, os Comentários (*Bhashyas*) dos Mestres (*Acharyas*) e, além deles, as Disciplinas e Métodos de *Sadhana* ensinados pelas grandes almas, que têm respondido a perguntas tais como: “Qual o significado da Vida?” “Qual o significado de Deus?” “Quais as transformações que ocorrem no indivíduo (*jivi*) com a morte?”, etc.

Nenhum outro lugar é mais apropriado para os Iluminados (*Rishis*) e as Grandes Almas (*Mahatmas*) que este país. Aqui há pessoas que provaram toda a gama de bem-aventuranças espirituais. Este país desempenha o principal papel na divulgação da doutrina da não-violência (*ahimsa*) ensinada pelo Budismo. A terra natal de Buda é a Índia. Se a experiência espiritual, a essência das Escrituras do *Sanathana Dharma* (Religião Eterna) desta Terra Sagrada estão sendo cultuadas por outros países, o que será da sorte daqueles que não compreendem seu valor, mas estão engajados em esmagar sua essência, tornando-a seca?

Assim sendo, despertem todos vocês que aspiram a aprender a disciplina relativa ao Espírito Supremo (*Sadhana Adhyatmico*)! Aprofundem-se na prática efetiva! Fortaleçam sua Fé! Cultivem-na! Façam de *Shanti* a sua segurança! Enchem suas vidas de Bem-Aventura (*Ananda*)! Desfrutem a visão de *Atmarama*³⁶! Levantem-se e não se demorem mais!

Não se deve permitir à mente vaguear como ela gosta. Ela deve ser controlada sem o mínimo de piedade. Como não? Se possível, deve-se mesmo visar a sua destruição, ou seja, fazer com que a mente se mantenha afastada do contato com as coisas do mundo. Somente

35. *Darsanas* - as seis escolas (ou sistemas) de Filosofia da Índia. São elas: Vaischika, Nyaya, Purva Mimamsa, Sankhya, Yoga de Patanjali e Uttara-Mimamsa ou Vedanta. Definir seu significado foge ao propósito desta nota.

36. *Atmarama* - o Senhor (Rama) que confere a Eterna Bem-Aventura.

quando isso é feito é que o homem pode perceber sua real identidade. O reconhecimento dessa Realidade é o estado que chamamos Auto-realização (*Mukthi*). Depois disso, todos os problemas, angústias, dúvidas e dilemas desaparecem. O homem, então, supera a tristeza, a decepção, a ansiedade e se estabelece na sagrada calma de *Shanti*.

Em primeiro lugar, abandone todos os impulsos impuros e cultive só os puros. Em seguida, passo a passo, tente abandonar esses também, para tornar a mente sem objetivos (*Nirvishaya*). A Paz alcançada dessa forma é radiante, bem-aventurada e associada à Sabedoria: é, de fato, a própria experiência da Divindade, o próprio Deus. O *Sadhaka* que deseja obter essa Paz (*Shanti*) deve praticar constantemente uma vida virtuosa, superando todos os obstáculos iniciais. *Shanti* é uma montanha rochosa e pode suportar as contínuas enxurradas de tentação do mal. Essa *Prashanthi* não precisa ser procurada externamente: emana da própria consciência interna (*Antahkarana*). É a verdadeira base do impulso em direção à liberação. É a raiz da mais profunda Meditação (*Dhyana*). É o pré-requisito para o *Nirvikalpa Samadhi*³⁷. Estabelecida na Paz, a Realidade pode ser conhecida e experimentada; os impulsos e ondas mentais podem ser silenciados. *Atmananda* ou a Bem-Aventura da Realização do Ser é proporcional ao declínio do egoísmo e da identificação com o corpo físico.

Não defina sua conduta preocupado com a opinião dos outros. Em vez disso, siga, com bravura, alegria e firmeza, a doce e agradável inspiração da sua própria Mente Equilibrada (*satvica*); de sua própria

37. *Nirvikalpa Samadhi* - o mais elevado estado de Meditação (*Dhyana*); uma condição de perfeita e imperturbável equanimidade. A perfeita equanimidade da unidade absoluta com a real natureza do indivíduo. Ela confere o completo conhecimento do Absoluto (*Brahman*) e resulta na Liberação (*Moksha*).

consciência desperta, de seu próprio Eu Interior. Junte-se àqueles que são ricamente dotados de Verdade. Gaste cada segundo de sua vida proveitosamente e bem. Se possível, preste serviços aos outros. Ponha-se a cuidar dos enfermos, mas, quando fizer esse serviço, não se preocupe com os resultados, nem com a ação em si, nem com a pessoa a quem o serviço é prestado. O serviço torna-se puro e sagrado se você ignora tanto o bem quanto o mal e se mantém silencioso, repetindo, no âmago de seu coração, o *Mantra* de seu agrado. Não empreenda uma tarefa sob compulsão momentânea, pois o impulso pode parecer bastante louvável, mas você não se deve deixar levar por ele. Você tem de estar sempre vigilante nesse aspecto; sempre imperturbável e forte.

Uma aparência alegre ajuda *Shanti* a desenvolver-se e, portanto, deve ser cultivada pelo aspirante espiritual (*Sadhaka*). Sua natureza deve ser livre de pompa e ostentação. Ele deve compreender o segredo do caráter e fortalecer sua vontade para seu aperfeiçoamento. Se ele se movimenta pelo mundo com inteligência e cuidado, pode demonstrar a veracidade da declaração: “A verdadeira natureza do homem é *Shanti*”. Por exemplo, o tempo, que é valioso, não deve ser desperdiçado em conversas fúteis: a conversação deve ser agradável e objetiva. Então pode ser mantida de forma simples e polida, e a Paz se estabelecerá.

Se todas as coisas forem dedicadas ao Senhor, não haverá lugar para preocupação ou tristeza, ou mesmo para alegria. Se você se livra do apego, *Shanti* nunca será perturbada. “Eu”, “meu”, “seu”... quando essas ideias ocupam a mente, *Shanti* sofre um retrocesso. Para assumir a atitude de oferecer tudo, sinceramente, a Ele, o Amor (*Prema*) é essencial; o amor combinado com fé em si mesmo. Isso é o que chamamos de devoção (*bhakti*). Cultive-a com perseverança todos os dias e terá felicidade. Mais uma vez, deve-se ter a mente

repleta da visão de igualdade, unidade, *Samarasa*: da convicção de que, fundamentalmente, tudo é uma coisa só. A vida espiritual não é assunto para conversas fúteis: ela é, na verdade, vida vivida no *Atma*; é a experiência de pura Bem-Aventura (Ananda); é apenas outro nome para Vida Plena.

Para uma vida de paz, você deve cumprir suas promessas e jamais esquecê-las; deve ser cortês e bem-educado; deve ser imparcial em sua conduta. Deve estar mergulhado no oceano da devoção (*bhakti*) e, tão imóvel quanto o Himalaia. Remova, do jardim de seu coração, os espinhos da cobiça, da raiva, do ciúme e do egoísmo e, principalmente, a desgraça do “eu” e do “meu”. Arranque-os ainda quando estão germinando! Toda essa disciplina é o verdadeiro caminho para conquistar a Paz.

Em primeiro lugar, convença-se de que você é o Universal e Imortal *Atma*; assim, tornará fácil qualquer *Sadhana* subsequente. Se, ao contrário, acalantar a ilusão de que é o corpo, os sentidos ou apenas o *jivi*, esse ser individual, qualquer *Sadhana* que fizer dará apenas frutos podres: nunca crescerão e amadurecerão, e o doce fruto da paz nunca será obtido, mesmo após muitas vidas. Para sentir-se como a encarnação de *Shanti*, você deve partir da fé de que é realmente essa encarnação. Abandone a teoria de que é o corpo e os sentidos. Isso também levará ao desaparecimento dos desejos e tendências (*vasanas*). Quando os desejos desaparecem, você adquire o controle da mente e obtém *Shanti*.

Shanti também pode ser definida como o verdadeiro amor ao Senhor, à Verdade e ao verdadeiro *Dharma*; por conseguinte ela torna possível a realização do Senhor. Tenha, portanto, o Senhor como seu único objetivo; agarre-se firme ao desejo de realizá-Lo neste mesmo nascimento. Mantenha-se insensível à luxúria e à ganância, e também à alegria ou à dor, ao aplauso ou à injúria, ou a qualquer

outro desses pares de opostos. Somente essa constância e firmeza levam à Realização.

Reconheça que o propósito do nascimento humano é alcançar o Senhor pela adoração. Toda experiência, todo conhecimento, todas as ações devem ser para tal finalidade. Tudo que é ingerido, tudo que é ouvido deve ser dedicado a essa meta. O nome do Senhor é como uma montanha de açúcar: Aproxime-se dessa montanha, acredite nela, prove-a em qualquer de suas partes e experimente a Bem-Aventurança (*Ananda*). O maior devoto é aquele que sempre desfruta dessa *Ananda*. Há outros que vivem perto da montanha, usufruindo, por algum tempo, a Bem-Aventurança da constante lembrança do Senhor, e que, em outras ocasiões, experimentam objetos mundanos: esses são os *Bhaktas* de classe média. Os restantes devotam um quarto de seu tempo ao Senhor e três quartos ao mundo: esses são a classe inferior de devotos. Ainda existem outros que se abrigam aos pés da montanha (o nome do Senhor) só quando a calamidade os atinge, mas que se afastam quando a crise é superada. Dessas quatro categorias, o maior dos *bhaktas* apegase ao caminho com perseverança e goza de Bem-Aventurança ao longo de toda a sua vida. Para persistir nesse caminho, *Shanti* é a melhor companheira. Com sua ajuda, você pode tornar sua vida santa, e cumprir seu propósito.

Aqui, um ponto deve ser cuidadosamente observado. Quando o corpo sofre com febre, ou quando a mente está confusa, você não sente o gosto daquilo que come. Do mesmo modo, quando o nome do Senhor é pronunciado, se o coração está contaminado pela ignorância (*Tamoguna*), ou se a mente está perturbada, você não sente o gosto da doçura do nome do Senhor. Enquanto o açúcar está sobre a língua, você sente a doçura. Do mesmo modo, desde que o coração tenha devoção, paz e amor, você sentirá a Bem-Aventurança.

Se, ao contrário, as qualidades amargas da luxúria, da raiva e da inveja germinarem no coração, o medo, a ansiedade e a preguiça serão os frutos. Você já deve ter observado uma garça movendo-se silenciosamente ou completamente parada, a fim de pegar um peixe. Se agisse precipitadamente ou com pressa, pegaria o peixe? Da mesma maneira, o Senhor, sob as formas dos peixes da Verdade, Retidão, Paz e Amor, jamais será alcançado se a algazarra da luxúria, da raiva, do egoísmo e da inveja estiver dominando o coração.

A Bem-Aventura que transcende todas as outras pode ser alcançada se uma simples disciplina espiritual, a constante lembrança do Nome do Senhor, for praticada. Como consequência, *Shanti* será obtida. Desse modo, as nocivas tendências da natureza inferior também podem ser superadas. Saiba que O Ser Supremo (*Paramatma*) é a meta do homem. Dirija toda atenção a essa meta. Controle a mente que tende a se desviar dela. Essa é a essência dos ensinamentos de todas as Escrituras. Pratique essa única disciplina e terá praticado todos os Sastras.

Observe isto: os Kauravas gozavam os benefícios dos méritos (*Punya*) que acumularam em vidas anteriores, mas, enquanto assim engajados, deleitavam-se em ações nocivas. Por outro lado, os Pandavas, enquanto sofriam por más ações de suas vidas passadas, engajavam-se em atos meritórios. Essa é a diferença entre o sensato e o insensato. Quando o sofrimento se abate sobre você, saiba que é uma consequência de suas próprias ações do passado; não ponha a culpa no Senhor, nem desenvolva queixas e lamentações contra Ele. Não dê atenção aos problemas e nem os encare como tais, mas engaje-se na prestação de serviços aos outros e em ações dignas. Continue confiando no Nome do Senhor como auxílio: esse é um sinal de sensatez; isso é agir como os Pandavas. Para fortalecer essa

atitude, *Shanti* é uma grande fonte de ajuda. Aquecendo-se sob a felicidade nascida das boas ações, você não deve ser tentado a fazer coisas maléficas. Deve esforçar-se para realizar, cada vez mais, ações meritórias. Então poderá ter sua vida cada vez mais pura e sagrada e chegar à Presença Divina. Esse esforço é sinal do mais elevado caráter. Estabilizar-se em *Shanti* por meio desse tipo de caráter e conseguir a liberação (*moksha*): esse é o segredo de uma vida bem sucedida, e o dever de cada indivíduo.

Pois, o que é exatamente *moksha*, liberação? É a equanimidade (*samadhi*) ou paz (*shanti*) obtidos pela disciplina espiritual (*sadhana*) da purificação Interior do homem (*Chittasuddhi*): o *sadhana* da negação das impressões que se têm através da visão, audição, leitura, aprendizado e ações. Uma pessoa sofrendo intolerável agonia física não tem qualquer interesse em entretenimentos, não é? De modo semelhante, um buscador ou devoto sincero não pode ter nenhum interesse no teatro mundano de prazeres objetivos e paixões inferiores. Em primeiro lugar, esses desejos inferiores têm de ser reconhecidos e abandonados, pois são a raiz de toda miséria. Paixão é produto da ilusão; ela habita a mansão de *Rajas*. Renúncia ou *vairagya* mora no *Guna Satvico*. A paixão é demoníaca por natureza. Paixão, ignorância, egoísmo, todos nascem da ilusão. A paixão leva à morte, ao passo que a renúncia leva à libertação, isto é, à Sabedoria.

A prática da renúncia (*vairagya*) é, por si mesma, a mais elevada das austeridades (*tapas*), o mais rigoroso voto. Deve-se estar sempre alerta nessa austeridade e esforçar-se sempre mais. Como uma criança tentando andar, você ensaia uns passos, balança e cai, mas, como a criança, deve levantar-se com um sorriso e começar de novo. *Shanti* é essencial para essa persistência. Fracassos não são pedras a bloquear seu caminho; lembre-se: são apenas degraus em direção à vitória.

Mantenha-se ligado ao *Atma* em você; descanse e refugie-se n'Ele; medite n'Ele sem interrupção. Assim, todos os laços desatar-se-ão, porque o laço com que você se liga ao Senhor ou ao *Atma* tem o poder de desatar todos os outros.

O “desatado” tem real amor para com todos. Seu amor não é somente puro, é Divino também. É a personificação da paz (*shanti*). O indivíduo pode, sem dúvida, alcançar o Senhor e se torna livre de toda paixão (*raga*) ou apego quando se engaja em ações como as descritas acima.

É claro que o desapego (*vairagya*) não significa abandonar o lar e o círculo familiar, os bens materiais e até reinos. É o entendimento da Divindade imanente em tudo, o desaparecimento de todos os nomes e formas separadas, a bem-aventurança (*ananda*) de experimentar em tudo e em todo lugar o Divino, que é a sua Realidade, que é o verdadeiro significado das frases sagradas dos Upanishads (*Mahavakya*), de desapego (*vairagya*), ausência de paixão (*raga*). Enquanto o indivíduo perceber o mundo de nome e forma, estará carregado de paixão (*raga*). Como se pode ser sem paixão quando a mente é imersa em pensamentos e sentimentos e experimenta o mundo objetivo? A pessoa pode abandonar tudo, mas ainda assim estar repleta de tudo isso. Não pode ser dito que essa pessoa tem desapego (*vairagya*). Certamente, até para a aquisição desse espírito puro de desapego, *shanti* é essencial.

O oceano é um e indivisível; mas é chamado aqui, de Mar do Norte, e lá de Mar do Sul! Da mesma forma, o Senhor, o Oceano da Graça, é um; mas Ele recebe vários nomes, de acordo com o período ou com a Era. Os rios sagrados, procurando alcançar o oceano,

fluem de todas as direções; da mesma forma, a humanidade procura o Senhor através de várias disciplinas espirituais e finalmente todos se fundem em Krishna.

A humanidade pode alcançar a felicidade somente através da unidade e não através da diversidade. Se pensamentos e sentimentos vão ao longo dos caminhos da distinção e da divisão, a felicidade estará além do alcance e a paz não pode ser experimentada. Sem a paz (*shanti*), o homem não tem nenhuma chance de ser alegre. Considere o Um, Oceano Indivisível, como a meta. Então, de que importa a direção do fluxo? De que importa o nome? Eles se fundem no mar do mesmo eu, não é mesmo? Os aspirantes espirituais (*sadhakas*) e os devotos (*bhaktas*) que adotam o caminho da *yoga* ou da devoção, ou o caminho da paz (*shanti*), da retidão (*dharma*), da verdade (*sathya*) e do amor (*prema*), quando enfim alcançam o Oceano da Graça, Nome e Forma desaparecem, assim como as preferências. Eles são abençoados com a fusão no oceano de *shanti*. Assim, a unidade deve sempre ser mantida diante dos olhos; nunca nutra idéias de diferença; de nomes e formas distintas do Senhor; de caminhos que são divergentes. Essas idéias são obstáculos para a obtenção da bem-aventurança (*ananda*); evite esses obstáculos; desenvolva a visão igual. Lembre-se, a paz (*shanti*) é o caminho real para fortalecer esta visão e alcançar o Oceano da Graça.

Para desfrutar da paz (*shanti*), a humanidade deve estar controlada e dirigida pelos ideais da retidão (*dharma*). Isso depende do espírito de tolerância mútua em família. Este se baseia na conduta individual *satvica*, que tem por objetivo agradar a todos. Essa conduta tem um encanto todo próprio. Evite em seu comportamento, em suas ações e em suas palavras todo traço de desejo de causar dor aos outros,

de insultar ou de causar aos outros a perda e a miséria. Encontre os melhores meios para melhorar a si próprio, pratique este tipo de vida e desista de causar dano a si próprio e a seu próprio bem. Ande sempre no caminho da verdade. Este é, em verdade, o caminho da Beleza, que é a conduta realmente encantadora.

Para isso, a generosidade é essencial. O indivíduo pode adquiri-la somente se tiver impulso inato (*samskara*) e devoção (*bhakti*) em cada ato. Através da devoção ao Senhor se adquirem humildade, temor ao pecado e fé nas escrituras e, através dessas qualidades, a estreiteza de mente é eliminada e o homem se torna generoso. Portanto, vocês que são Buscadores: dirijam primeiro seus esforços em adquirir Fé em Deus e temor ao pecado. Esses dois promoverão a suavidade. Lembrem-se, suavidade é *shanti*.

Algumas pessoas, do tipo que não tem experiência e que não colocam em prática suas palavras, andam declarando que o meio para se obter *shanti* é manter a roda de nascimento e morte (*samsara*) à distância. Isso não é *shanti*, é o oposto de *shanti*. Se a semente é jogada para longe da árvore, não crescerá novamente transformando-se em outra árvore? Se não quiser que ela cresça, terá de cozinhá-la ou fritá-la sobre o fogo. Da mesma forma, os impulsos, desejos e tendências (*vasanas*) que germinam têm de ser fritos sobre o fogo da discriminação (*vichara*) e, então, a paz real poderá emergir. Por outro lado, se alguém só escapa das responsabilidades da vida (*samsara*) em sociedade, não pode desfrutar de *shanti*; ela nunca virá. Porém, se os desejos e tendências forem controlados e eliminados, não há necessidade nenhuma de fugir. Satisfeito com o que tem, recusando-se a se preocupar com a ausência de coisas que não tem; tentando, na medida do possível, reduzir e eliminar os impulsos e

tendências (*vasanas*), as paixões e as aversões, o indivíduo deve lutar para cultivar a verdade (*sathya*) e a retidão (*dharma*), o amor (*prema*) e a firmeza (*sahana*). Cultive essas qualidades e, ao mesmo tempo, pratique-as sistematicamente.

Esse é o verdadeiro dever do homem, o real propósito do nascimento humano. Se as quatro qualidades mencionadas acima forem cultivadas e praticadas por cada uma das pessoas, não haverá inveja entre os homens. Cessará o arrebatamento pelo egoísmo. Os interesses dos outros serão respeitados e a paz no mundo poderá ser estabelecida. Por outro lado, se você mesmo não tem paz, como pode assegurar a paz no mundo? Aqueles entusiásticos pela paz mundial devem primeiro aprender como experimentar e desfrutar essa paz interior. Mais tarde, poderão espalhar esta paz (*shanti*) no mundo exterior e ajudar a promovê-la.

Hoje em dia, em toda parte pode-se ouvir o grito “Paz Mundial”, “Paz Mundial”; mas o número de pessoas que podem dizer como ela pode ser alcançada é muito pequeno! Não há ninguém que possa nem mesmo imaginar corretamente o que quer dizer com exatidão paz ou *shanti*; pois, se alguém adquiriu a verdadeira paz e a experimentou, o tumulto e a confusão não poderão ser percebidos de forma alguma. Você não pode estar consciente de sua ausência se a possui. *Shanti* significa “o abandono das atividades dos sentidos”. Como essa paz pode ser espalhada e “promovida” por alguém que a adquiriu? Ela pode ser experimentada, mas não é capaz de ser transferida de uma pessoa para outra. O melhor a ser feito é mostrar aos outros o caminho, informá-los de sua doçura. Como a fome do outro pode ser saciada pelo ato de você ingerir o seu alimento? Somente aquele que janta obtém a satisfação do jantar. A paz (*shanti*) também é dessa na-

tureza. Cada qual tem de ganhar e experimentar por si próprio, assim todos podem tê-la. O amor e a firmeza são suficientes para conceder *shanti*, mas você não deve se concentrar na mera exibição exterior. Deixe que essas virtudes saturem seu pensamento, palavra e ação; esse é o caminho para estabelecer também a paz mundial.

Outras pessoas declaram que a oração pode trazer a paz mundial e pedem que as pessoas orem. É claro que é bom orar; mas a paz nunca pode ser adquirida somente dessa forma. A oração deve estar unida à prática; você não deve orar por uma coisa e praticar outra. Essa oração é somente um meio de ilusão. As palavras que você pronuncia, as ações que pratica, as orações que faz, tudo deve ser dirigido para o mesmo caminho. Enquanto repete orações para a Paz Mundial (*Loka Shanti*), você não terá nenhuma paz se não pode pacientemente tolerar os outros, se difama e menospreza os outros. Por outro lado, você terá tumulto; e, com o tumulto, todo sofrimento e dor resultante dele!

Através da paz mundial, a paz individual também pode ser cultivada. Quando o alimento é levado à boca pela mão, mastigado e engolido, a essência se espalha para cada parte do corpo. Da mesma forma, se as mãos estão engajadas em atos que promovem a paz e a língua engajada em orações para a paz, por esses dois meios a essência da paz se espalhará por todas as partes do mundo, que nada mais é do que o corpo do Senhor. A paz do mundo é a base para a paz genuína.

Muitos não sabem o significado da declaração, *Deho Devalayam*, “O Corpo é o Templo”. Por que razão o templo apareceu? Para a adoração do Senhor dentro dele. Se esse Senhor não existe, o corpo não pode ser chamado de templo. Mas as ações do homem agora são todas contra essa verdade evidente. Agora toda adoração está sendo feita para o templo, esquecendo que o templo não é Deus. O

templo tem de ser conservado, limpo e decorado por causa do Deus que ali existe; deve ser feito em uma boa forma para a realização de Deus. Isso é tudo. De maneira semelhante, o corpo é o templo do Senhor, a consciência pura (*Atma Swarupa*). Esquecendo a necessidade da fé no *Atma* para obter a bem-aventurança que dele se origina, para a adoração ao *Atma*, para a dedicação ao *Atma*, as pessoas agora estão imersas na fé ao corpo, na bem-aventurança do corpo, na decoração e dedicação ao corpo. Apesar de tudo, o corpo é evanescente; mas através do templo o Senhor pode ser visto. Através do corpo, o *Atma* que está dentro dele pode ser compreendido. Essa é a principal tarefa do homem. Consciente disso, procure sempre continuar zelando e protegendo esse corpo; não negligencie o Senhor que está dentro dele. Não se apegue à irreal e temporária estrutura externa. É claro que você não deve tampouco destruir o templo, a sua manutenção é essencial. Somente nunca se esqueça de que o que dá ao corpo valor e propósito é o *Atma*.

Do mesmo modo, com a paz mundial e a paz individual (*Lokashanti* e *Atmashanti*). O templo é *Lokashanti*, o Senhor interno é *Atmashanti*. A paz mundial é um meio de auxiliar a paz individual. Saiba que o mundo é a Mansão do Senhor. Ele está se movendo nos muitos quartos desta mansão. A adoração ao Senhor pode ser bem feita somente se o templo estiver limpo e puro. Então, engajem-se em conquistar os dois, paz para o mundo e paz para vocês mesmos. Não ignorem o Senhor, cuja mansão é o mundo. Sem Ele temos um túmulo (*savam*), não um templo (*sivam*). Lembrar-se sempre Dele significa contentamento e vitória, que é *sarvamangala*.

Lokashanti é o alento vital de todos os seres, assim lute sempre por isso. O Senhor poderá ser alcançado somente quando a pátria

estiver imersa em *shanti*. Quando a natureza (*prakrithi*) se funde no Absoluto (Paramatma), é chamado de libertação (*moksha*). Então, os buscadores da libertação devem ansiar pelo amor e pela Graça de Paramatma. Sem a Graça de ambos, *prakrithi* e Paramatma, o forte e sutil mal dos sentidos não pode ser dominado. Isto é, a destruição da mente, o tranquilizar das agitações da mente não pode ser concluído. Portanto, todos têm como dever principal alcançar *shanti*.

Há muitos que argumentam que o auto-respeito é *shanti*, mas confundem auto-respeito com o respeito dado ao veículo inferior, o corpo, ou à sua posição social. Isso é respeito à pessoa, não o respeito ao Eu Superior ou ao Atma. O respeito dado ao Senhor interno, o Atma, é o verdadeiro auto-respeito e nada mais. A verdade é o Atma; o serviço abnegado é o Atma. O respeito por essas coisas é auto-respeito; este tipo de auto-respeito é, naturalmente, *shanti*; os outros tipos, não. O verdadeiro auto-respeito é manter sempre em mente o Senhor todo misericordioso, a Personificação da Verdade, o Senhor cuja verdadeira natureza é amor (*prema*). Para obter isso, deve-se deixar de lado, considerando sem valor, o respeito que o mundo concede à riqueza e à condição social, ignorar o elogio e a censura, o menosprezo e a bajulação e se engajar na disciplina espiritual (*sadhana*) com fé total na Verdade e no Senhor. Esta é a verdadeira, pura e eterna *shanti*.

Não há nenhuma condição mais elevada do que aquela do Senhor; nenhuma personificação Dele mais elevada do que a verdade; nenhuma beleza que provém Dele mais elevada do que *shanti*; não, nem mesmo em todos os catorze Mundos (*Lokas*) e na Criação inteira; agora, no passado e para sempre. Esta é a verdade e Eu a repito. A verdade, mesmo encoberta na mais escura ilusão (*maya*),

ainda brilha intensamente; por mais que você possa prendê-la na escuridão, seu esplendor não pode ser eliminado.

A verdade nunca pode morrer; a inverdade nunca pode viver. Vocês todos devem estar firmemente estabelecidos nessa crença.

Como o homem pode dizer “Isso é permanente”? Sim, como pode ele alguma vez acreditar que algo é permanente? Na verdade, como pode surgir essa crença, quando ele vê desde seu nascimento todas as coisas mudando ao seu redor, sua experiência passando por várias transformações e a atmosfera na qual ele cresce constantemente sendo transformada, quando ele cresce em um meio que não tem permanência? Observando tudo isso, pode ser declarado, sem nenhum medo de contradição, que este é um mundo irreal. Se ele fosse Real, como poderia mudar? Tudo aquilo que sofre mudança é irreal. Somente a realidade é imutável, estável, permanente. Somente o Atma é a entidade permanente e imutável. Somente este é real, permanente. O Atma é a forma do Senhor, é o Poder do Senhor.

Somente o homem tem a capacidade, as credenciais para a realização desse Poder, para ganhar essa energia (*shakti*). É de fato trágico que, mesmo após conquistar o nascimento humano, as pessoas não compreendam essa Realidade eterna nem mesmo fazem uma tentativa de entendê-la. Se essa chance se perde, quando elas podem experimentá-la?

Por que elas não se preocupam com o verdadeiro propósito para o qual vieram! Elas vieram somente para viver como todos os outros animais, pássaros e insetos: comendo, perambulando, dormindo e procurando prazer? Se a resposta é “Não”, então, vieram para o que mais? Podemos dizer que o homem é apenas mais um animal, como os demais? O homem tem três coisas que eles não têm: o poder de

concluir, o poder de renunciar e o poder de decidir pelo certo ou pelo errado. Esses são poderes especiais no homem; mas qual a utilidade deles, a menos que sejam aplicados na prática real? Se forem usados, então o nome “Homem” é apropriado; do contrário, deve-se usar o nome “animal”.

Os três poderes mencionados acima devem ser aplicados pelo homem não somente nos assuntos mundanos, mas até na investigação da Verdade Suprema. Realmente falando, se o discernimento, a renúncia e a indagação forem efetuadas enquanto se passa através das alegrias e sofrimentos da vida, a convicção com certeza aparece no momento em que tudo isso é Irreal, não tem base na Verdade. Quando esse conhecimento aparecer, o homem está seguro para trilhar o caminho da religião e da disciplina espiritual (*sadhana*) e iniciar o questionamento que o levará à Verdade. Essa é a tarefa na qual o Homem deve estar engajado.

Bem, se todos simplesmente perguntarem “Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Por quanto tempo estaremos aqui?”, a verdade poderá ser facilmente compreendida. Esse questionamento é um sinal de discernimento ou *viveka*. Quando, através desse discernimento, a idéia de que o mundo é impermanente se tornar profundamente enraizada na mente, todos os apegos automaticamente cessam. Esse é o estágio da renúncia ou *vairagya*. Pergunta-se, então: vale a pena ser apanhado neste mundo irreal? Isso é falso, enganoso, alguém diz a si próprio. Essa pessoa, então, volta seus esforços para o reino do Senhor, *Sathyaloka*. Esta é a decisão correta, *Vichakshana*.

É através do discernimento e da renúncia que o homem entende quem ele é realmente. Sem discernimento e renúncia, é impossível sabê-lo. O senhor abençoou somente o homem com essas duas coi-

sas. Ele dotou o homem com elas para que pudesse usá-las para esse propósito. Assim, o homem é realmente afortunado, mas infelizmente ele se esqueceu da tarefa pela qual veio, ignorou a pergunta “de onde vim?”, fechou seus olhos para onde está, desviou sua inteligência para a diversão e para as necessidades pessoais e desperdiçou todos os seus poderes. Que tragédia, essa! Se neste nascimento humano tão auspicioso não se procura obter a Divindade, quando então eles vão obter êxito?

Se hoje é desperdiçada a oportunidade, então, amanhã terão ajuda?

Se a própria e real natureza for primeiramente entendida, todo o resto pode ser facilmente compreendido. Consequentemente, o indivíduo saberá onde está, para onde está indo, há quanto tempo existe, etc.

Esses quatro pontos dependem um do outro; se um for resolvido, todo o resto pode ser conhecido; mas nenhum deles pode ser ignorado. Por exemplo, suponhamos que você escreva uma carta para alguém. Qualquer que seja o conteúdo da carta, se ela for colocada dentro de um envelope e postada, a quem ela chegará? Ela não será dada a ninguém. Bem, ela voltará para a pessoa que a escreveu? Não. No final, não estará nem aqui nem lá. Por outro lado, se no envelope houver o endereço da pessoa a quem ela deve chegar e o endereço da pessoa que a escreveu, pode-se ao menos prever quando a carta alcançará seu destino, não é assim? Da mesma forma, o que você faz com sua carta, sua vida? A quem você a endereça? Onde você a escreve? Quando ela pode chegar? A quem ela deve chegar? Ignorando tudo isso, não se preocupando nem mesmo com o tempo, se você simplesmente se preocupa com si próprio, como pode esperar conhecer a Realidade?

Primeiro, você deve conhecer seu próprio endereço completo. Quem é você? O Atma. De onde você veio? Do Atma. Para onde

está indo? Para o próprio Atma. Quanto tempo você pode permanecer aqui? Até que você se funda com o Atma. Onde você está agora? No irreal, sempre mutável. Em que forma? Como *Anatma*. Está ocupado com que? Com tarefas evanescentes. Portanto, o que você deve fazer depois disso? Abandone essas três e tente estas três: chegar ao Eterno, se ocupar de tarefas reais e desfrutar da Bem-Aventura do Atma. Esse deve ser o principal esforço do Indivíduo (*Jivi*), seu propósito perpétuo, a maior aventura deste mundo. Todas as outras tarefas são monótonas e tolas. Elas brilham em um momento e desaparecem em seguida. Você compreenderá essa verdade somente se virar as costas para elas e observar inteligentemente.

Há uma pequena história que ilustra esses pontos. Era uma vez, um Rei (*Raja*) que tinha transferido toda a responsabilidade de governar a seu Ministro (*Manthri*) e estava passando seus dias no ócio. Ele nunca se preocupou com nada, fossem pequenas ou grandes coisas. Ele tinha um companheiro pessoal, o qual tinha sempre ao seu lado, mais ou menos como um guarda-costas. Esse companheiro era muito sábio, pois nunca fazia nada sem profunda consideração sobre “como, por que e pelo que”. O Rei pensou em tudo isso como uma grande tolice e apelidou o acompanhante de “A Nobre Jóia dos Tolos” (*Aviveka-sikhamani*). Ele não mediu esforços em efetivamente gravar o título em uma lâmina de ouro e forçava-o a usar sobre sua testa para que todos vissem! Muitas pessoas foram enganadas com isso e o tomaram como sendo um bobo da corte; não davam atenção a suas palavras.

Um dia, no entanto,, o Rei caiu de cama. O reino foi procurar médicos que pudessem curar o rei. Mensageiros foram enviados aos oito cantos, procurando drogas e doutores. Uma centena de pessoas se ocupou ao redor do paciente real, mas todos os esforços falharam. A

doença piorava dia após dia. O Rei estava à beira da morte.

O Rei suspeitou que seu fim estivesse perto e então apressadamente fez algumas disposições. Falou com todos aqueles com os quais queria se reunir e estava imerso em sofrimento. Ele não tinha nenhum pensamento de Deus ou qualquer outro Poder auspicioso. Estava com um medo terrível da morte e não podia pensar em mais nada.

Um dia, ele chamou Avivekasikhamani para vir ao lado de sua cama e sussurrou baixinho em seu ouvido, “Bem, eu estou indo logo, meu amigo!” Então, o Tolo perguntou sem qualquer escrúpulo, “O quê? Você está fraco e não pode caminhar nem alguns passos. Eu vou encomendar um palanque, por favor, espere até que ele esteja pronto”, “Nenhum palanque pode me levar até lá”, disse o Rei. “Então, encomendarei uma carruagem”, suplicou o Tolo. “A carruagem também não tem utilidade”, respondeu o Rei. “É claro, então, o cavalo é o único meio da viagem”, resmungou o companheiro, que parecia ansioso por ir ao socorro do seu senhor e aliviá-lo dos trabalhos da viagem. O Rei disse que o cavalo também não podia entrar lá. O Tolo não sabia mais o que fazer. Então, de repente, uma idéia o surpreendeu: “Vamos lá senhor! Eu o carregarei até lá”. O Rei ficou triste e disse: “Meu querido amigo, a pessoa tem de ir sozinha para esse lugar quando sua hora chegar. Nenhuma companhia pode ser levada”. O Tolo foi lançado em grande dúvida. Ele perguntou ao Rei: “É curioso, não é? Você diz que o palanque não chegará até lá, a carruagem não pode ir até lá, nem o cavalo. Você disse que nenhuma outra pessoa pode acompanhar você! Bem, você pode pelo menos me dizer onde fica este lugar?” O Rei respondeu: “Eu não sei”.

Imediatamente, o Tolo enrolou a lâmina de ouro com a gravação do título, “*Avivekasikhamani*”, e fixou-a na frente do Rei, dizendo:

“Raja, você sabe tanto sobre o lugar, até quais as coisas que não podem ir até lá: mas não sabe onde é o lugar e, apesar de tudo, irá para lá em breve. Oh, você merece muito mais este título”. O Rei ficou dominado pela vergonha. “Ai de mim”, disse para si mesmo. “Eu desperdicei meus anos comendo, dormindo e seguindo prazeres, nunca me importando em perguntar quem eu sou, de onde eu vim, o que estou fazendo, para onde estou indo e por que eu vim. O tempo precioso a mim concedido chegou muito próximo de seu fim. Não há mais nenhum tempo para todo este questionamento; a morte está batendo à porta. Os filhos começaram a chorar. Meus súditos estão em grande inquietação. Sob essas condições, eu posso estar imerso em questionamentos? Um pensamento que eu nunca tive através da minha vida pode aparecer de repente, agora durante meus últimos momentos? É impossível. Sim, eu, mais do que qualquer um, mereço o título de *Avivekasikhamani*, pois desperdicei minha vida em atividades inúteis, sem qualquer pensamento da Realidade.”

O Rei mandou publicar que o questionamento é a melhor maneira de se conhecer a Verdade. O questionamento deve ser dirigido para separar a verdade da inverdade, o eterno do temporário. As pessoas devem chegar à conclusão de que “Deus é o único Ente verdadeiro e eterno”. Por suas próprias investigações independentes, seus súditos devem não somente compreender esse ente intelectualmente, mas também alcançar a Graça de Deus por suas vidas puras. Anunciando essa lição para seus súditos, o Rei respirou pela última vez.

Observe como o Rei, cego pelo poder material e pelos prazeres, dirigiu erroneamente suas energias em direção ao mundo, distante de Deus, e terminou seus dias em agonia.

Todo aspirante espiritual (*sadhaka*) precisa entrar no caminho da inquirição. Somente então a convicção de que a natureza e todo o

saber ligado à natureza são irrealis poderá nascer e crescer. Somente então será dado a estes um valor relativo e não absoluto. É claro que eles devem ser aprendidos e experimentados como necessários para a existência, como um tipo de rotina diária; eles não devem ser confundidos como sendo o conhecimento mais elevado, a Verdade Eterna imutável. Esse erro, se cometido, leva à falta de paz (*ashanti*), uma mente agitada. A agitação produz preocupação e ansiedade, que, por sua vez, destroem a paz.

Se você aspira *shanti*, paz e equanimidade, o fundamental é ter fé na natureza temporária da Natureza e estar engajado na contemplação ininterrupta da Divindade imutável.

Portanto, não fique ligado a apegos egoístas. Ocupe-se da execução de suas tarefas; não se permita ser alegrado pelo sucesso ou entristecido pelo fracasso. Esteja pronto a renunciar a tudo que é prejudicial e, então, através do discernimento você poderá bater o Tambor da Vitória! Grandes declarações como essa revelam a Verdade mais elevada e a Glória da Divindade.

Se os dois caminhos, o da sabedoria (*jnana*) e o da devoção (*bhakti*), forem comparados, pode-se dizer que a Graça do Senhor é conquistada mais facilmente pela devoção do que por qualquer outro caminho. Na disciplina espiritual da devoção, há necessidade de compreender total e claramente a realidade e seu significado profundo. Para isso, o próprio mundo objetivo é a prova e o argumento, o esforço e a forma. Para conhecer isso, o questionamento espiritual precisa ser adotado. Esse questionamento concederá a paz (*shanti*) inabalável. Somente o questionamento pode revelar a Verdade por detrás de todo o mundo objetivo. Em sua experiência, quando você faz alguma tarefa cuidadosamente por um longo período, corrigindo

seus erros quando os descobre, evitando a repetição dos mesmos na continuidade da tarefa, você invariavelmente alcança até mais sucesso do que esperava obter, não é verdade? O que se procura é apenas um desejo persistente de alcançar a vitória; isso o levará a descobrir os meios para alcançar a vitória, desenvolver dedicação e cuidado na busca desses meios e obter sucesso.

Bem, tome o exemplo de uma pessoa ansiosa por se tornar mais forte. Se o desejo é poderoso, primeiro ela aprenderá os meios de realizar seu objetivo: os exercícios, a dieta, as disciplinas, etc. Depois, quando praticá-los, sua vontade muda e se transforma em regularidade no esforço. No entanto, uma coisa importante deve ser observada: há muitos que dizem que a ausência de desejo e vontade é o melhor. Isso não é tão bom como ter um desejo, mais do que todos os outros; ou melhor, “um desejo” e somente um, excluindo todos os outros. Mais superior é ainda a pessoa que possui firmeza de esforços na realização deste único desejo. Desse modo, ela pode promover não somente o seu próprio bem, mas o bem do mundo. Deixe que seu desejo, vontade e esforços sejam direcionados para seu próprio bem; não os desviem para os prazeres mundanos, pois isso causará prejuízo e destruirá a paz (*shanti*).

O homem é um fardo de impulsos e intenções. Ele reduz sua divindade inata e sua paz interior dando passagem livre a esses impulsos e intenções. Os impulsos são o combustível, as intenções são o fogo. O fogo pode ser eliminado somente colocando o combustível de lado. O aquietar do fogo é a obtenção da paz. Mergulhe fundo no oceano da paz e ganhe a inestimável pérola *Atmananda*, a Bem-Aventurança do Atma. Quando essa oportunidade é aproveitada, o homem se torna a encarnação do radiante estado sagrado da paz (*shanti*). É por isso que os Vedas declaram que o Homem é a encar-

nação da paz (*shanti*). Portanto, você não deve se enganar, imaginando que é a sede da inquietação e da inverdade; saiba que você é a encarnação da paz (*shanti*), que o amor (*prema*) é o sangue que flui em suas veias e que sua verdadeira natureza é a Felicidade. Compreenda isso pela prática efetiva e pela experiência.

Sem paz (*shanti*), é impossível se ver a Verdade. Assim como os raios do Sol são necessários para abrir a flor e amadurecer o fruto, os raios da paz são necessários para o completo desenvolvimento do homem. Somente então ele poderá se desenvolver na realização do verdadeiro, do eterno, do bem-aventurado Brahman.

Brahman é um oceano sem margens e sem fundo. Esse oceano é a base das sempre mutáveis ondas, a evidência e o resultado de seu poder. A onda surge do oceano, lança-se dele, cai de volta para ele e nele se dissolve. Apesar de o poder do oceano ser manifestado desse modo, em altos e baixos, em levantar e cair, ele é estável e fixo. O mundo, porém, está preocupado mais com o temporário e inconstante e acha que as ondas são muito importantes. Da mesma forma, o aspirante espiritual (*sadhaka*) está mais preocupado com as realizações que são evanescentes e mutáveis e não com a experiência imutável do princípio que está por detrás de Brahman. Todos os sentidos e todos os impulsos se levantam como força esmagadora, como as ondas do mar, rugindo em fúria, e se acalmam nas águas. Eles não conferem a paz. A idéia inteligente é esquecer essas ondas e dirigir a atenção em direção ao mar abaixo delas, que é imutável; somente então você poderá alcançar a paz (*shanti*) e nadar alegremente, por toda parte, nas águas profundas e calmas.

Por que os habitantes do oceano profundo são tão felizes? A razão é que eles têm água ao redor de tudo: acima, abaixo e em todos os lados.

Eles não podem sobreviver nem por um segundo do lado de fora dele; mesmo quando eles têm de forçosamente sair dele, lutam freneticamente para alcançar a água novamente, pois o desastre trará a morte. Assim, também quando o homem está imerso em paz (*shanti*), ele experimentará a alegria e a liberdade desse estado, em todas as maneiras. A pessoa que provou dessa alegria e liberdade nunca poderá tolerar nem por um segundo o estado da falta desta paz (*ashanti*) e nunca abandonará o estado de *shanti*. Se acontecer de ele ser forçado ao estado de falta de paz (*ashanti*), lutará furiosamente e desesperadamente para retornar ao estado de paz (*santhi*) e pode até morrer na tentativa. Mas por que essa pessoa nunca lançada nas margens de *ashanti* arrisca sua vida para escapar de volta para *shanti*? Ela pode estar sempre no estado de bem-aventurança, quando imersa no oceano de *santhi*, não é mesmo? Ela não deve flutuar nas ondas mais altas de impulsos e intenções de desejos e tendências (*vasanas*) e de intenções e resoluções. Ela deve mergulhar mais profundamente e tentar deleitar-se nos níveis mais tranquilos. Essa é a tarefa mais urgente. Então, você não se colocará em perigo, sendo levado para fora e para longe, sobre a margem seca.

Somente esse tipo de paz, pura e sagrada, removerá as paredes que agora separam o homem do homem. Ela transformará todos os ódios absurdos, desentendimentos, aversões e preconceitos que deformam o comportamento humano. A paz (*shanti*) é a manifestação da grandeza do amor (*prema*); ela dotará todos que vierem sob sua autoridade, com um poder enorme para o bem. Ela pode colocar Deus ao alcance do homem e o homem ao alcance de Deus.

A disciplina espiritual (*sadhana*) não pode conceder poder mais alto. Esse é o verdadeiro segredo do princípio de vida na criação. É

a mais elevada individualização da glória do Atma. É a vara mágica nas mãos do devoto (*bhakta*), com a qual ele pode dominar o mundo todo, além de conceder a maior intensidade de contentamento.

No entanto, paz (*shanti*) não significa inatividade, a mera vida inerte de comer e ficar sentado. Você não deve passar seu tempo comendo e dormindo, dizendo a si mesmo que o Senhor virá ao seu auxílio quando surgir a necessidade. Você deve erguer-se e trabalhar. Deus ajuda aqueles que se ajudam e Ele não ajudará de outra maneira. Aprenda com a história da vida de Prahlada a lição que somente o Senhor deve ser amado; aprenda também a técnica desse processo. Faça o trabalho que lhe coube, de forma sincera e eficiente; abandone tudo que estiver fora do serviço do Senhor. Siga as pegadas de Prahlada. Você pode conquistar através da Graça do Senhor a alegria da paz (*shanti*), a vibração da Plenitude e a Bem-Aventurança da Imortalidade.

O trabalho tem de ser executado de modo que este tempo não se projete sobre você de forma pesada, como uma carga. O trabalho é a missão do homem, sem ele o homem fica perdido na escuridão da ignorância e será dominado por *tamas* (inércia, lentidão). A ignorância multiplicará sua dúvida. Estas têm de ser cortadas com a espada da sabedoria (*jnana*).

Em uma ocasião, quando esses assuntos místicos foram ensinados a Arjuna, ele ficou confuso e perguntou a Krishna: “Uma hora Você diz que nós devemos renunciar a todas as ações (*karmas*) e, em outra hora, Você diz que a Karma Yoga tem de ser adotada. Agora, me diga qual dentre esses dois caminhos é o melhor?” A isso Krishna respondeu:

“Tanto a renúncia (*sanyasa*) como a Karma Yoga o levam à mesma meta de libertação, Ó Arjuna, mas saiba que há alegria maior em realizar trabalho do que em abandoná-lo. Renúncia e trabalho não são contraditórios, eles são interdependentes, complementares.

Abandonando o trabalho, o homem somente declinará sem o progresso que tem origem na atividade e o treino conseguido através dele. O verdadeiro renunciante (*sanyasi*) é aquele que não deseja uma coisa e odeia outra. A palavra renúncia (*sanyasa*) pode ser bem aplicada ao trabalho feito sem consideração ao sucesso ou falha, ganho ou perda, honra ou desonra, a qualquer atividade utilizada como oferecimento ao Senhor. A mera inatividade anunciada pela roupa ocre (*gerua*) e pela cabeça raspada não é renúncia (*sanyasa*), de forma alguma. Somente aquele que evitou a dualidade da alegria e da tristeza, do bom e do ruim, merece o nome. Assim, melhor do que abandonar a ação (*karma*) é a renúncia dos frutos da ação; isso também rende alegria maior. Esse é o melhor caminho. Portanto, destes dois, Sanyasa e Karma Yoga, seja qual for o caminho seguido, o fruto do outro também pode ser conquistado; pois existe bem-aventurança (*ananda*) na ação (*karma*) e existe também bem-aventurança (*ananda*) na renúncia.”

A renúncia (*sanyasa*) destituída de Karma Yoga levará à aflição, pois como pode alguém se livrar da ação (*karma*)? Entretanto, você pode evitar a ação, o que não é necessário, mas pelo menos se empenhe na lembrança do Senhor, na meditação (*dhyana*) ou na recordação do nome de Deus (*japa*). Isso também é ação (*karma*). Se estes forem abandonados, não haverá alegria na vida. Quem quer que seja a pessoa, ela tem de fazer alguma ação (*karma*), seja qual for a forma do trabalho. Aquele que se ocupa do Karma Yoga, renunciando toda a idéia de ação e seguindo a disciplina do silêncio, pode, dentro de um curto período, realizar Brahman. A ação (*karma*) não se apegará a esses. A ação (*karma*) para eles é semelhante ao ato de respirar. A vida é impossível sem a ação (*karma*) da respiração, assim como, para

o aspirante espiritual (*sadhaka*), o trabalho é essencial. A falta de paz (*ashanti*) vem somente quando o fruto da ação é desejado. Se o fruto é negligenciado e a alegria é obtida da própria ação (*karma*), então se obtém a paz interior imperturbável (*Prasanthi*). Ninguém pensa nos resultados e benefícios da ação (*karma*) de respirar, não é mesmo? Do mesmo modo, quando a ação (*karma*) é realizada, ninguém se preocupa com seu resultado. Isso concede a paz (*shanti*) verdadeira.

Muitas e muitas idéias tomam forma no coração humano. Elas vagueiam até os finais das oito direções. Algumas delas se sustentam mutuamente; algumas se destroem mutuamente. Porém, sem deixá-las livres, todas elas devem ser canalizadas e disciplinadas para servir a algum elevado propósito. Somente então você poderá estar estabelecido na paz (*shanti*). Você deve ter a clareza necessária para essa canalização; não é simplesmente a clareza no uso de coisas externas. A clareza está mais no controle e no domínio das faculdades mentais. Isso é essencial para o florescimento do Atma. Para entender as faculdades de sua própria mente, você deve caminhar com os mais velhos e experientes neste caminho ou na sublimação dos caprichos da mente.

Até que você, inteligentemente, tome certa direção firme para todos os seus pensamentos e atividades, estará somente construindo castelos de sombras no ar e vagando neles. Ora, até os seus sentidos estarão seguindo caminhos contraditórios e distraindo sua atenção em tamanha extensão que você não poderá facilmente chegar a uma decisão com relação ao ideal. Eles o fazem ter a impressão de que seus caminhos são os melhores, mas você deve sempre lutar para mudar o curso dos sentidos e da imaginação em assuntos e desejos que sejam úteis ao ideal, qualquer que seja a dificuldade, por mais séria que seja a crise. Esse é o sinal de verdadeira inteligência. Esse é o caminho para a verdadeira paz (*shanti*).

Todos têm, pela virtude da própria natureza humana, o discernimento necessário para lutar pelo ideal. Você não deve permitir que a mais leve idéia de negligência o retarde ou permaneça em seu caminho. A paz (*shanti*) baseada na sabedoria (*jnana*) pode surgir somente dentro da experiência real. O objetivo e a consequência de todo ato é e deve ser a sabedoria (*jnana*). O progresso do indivíduo consiste em atividade feita com discernimento.

Tome um pequeno exemplo: mesmo que uma pessoa tenha todos os meios para uma viagem confortável através da graça do Senhor, isto é, carros, aviões e outras conveniências, ele tem necessariamente de caminhar, apesar de tudo, por causa de sua saúde! Da mesma forma, quem quer que seja a pessoa, seja qual for a disciplina espiritual (*sadhana*) em que esteja engajada, ela tem de necessariamente experimentar a atividade e aprender a consequência por si mesma, pela sua saúde mental! De outra forma, a fraqueza mental não poderá ser curada.

Para alcançar isso, deve-se caminhar com homens experientes e que sejam suportes básicos de uma boa vida; deve-se compreender a Realidade com sua ajuda e sozinho experimentar a Realidade. Somente então a paz pode ser estabelecida na pessoa.

Neste mundo criado, a sabedoria está encoberta pela ignorância (*jnana* em *ajnana*). Isso é inevitável em todos os tempos. Enquanto a lâmparina estiver queimando, haverá uma sombra abaixo dela; da mesma forma, quando a chama da ilusão estiver queimando, a sombra da ignorância (*ajnana*) será inevitável. Se a ignorância que envolve o Atma for destruída pela sabedoria (*jnana*), então tudo será iluminado como ao nascer do sol, e a paz (*shanti*) será o resultado.

Se o resultado acima tem de ser obtido, alguns esforços têm de ser feitos para produzir as condições necessárias. A mente é condi-

cionada pelo ambiente em boa ou má, portanto o homem tem de criar para si o ambiente que necessita. Os reformadores de hoje não lutam para transformar as qualidades do homem. Eles tentam efetuar igualdade em assuntos econômicos, na vida exterior; mas estes só podem ser duradouros quando as qualidades do caráter forem construídas com base na igualdade. Se a qualidade da igualdade não for desenvolvida, mesmo que tudo seja dividido e compartilhado igualmente, o estado de igualdade não poderá durar. Portanto, há necessidade de reformar o caráter por meio do conhecimento do Atma. Somente essa reforma produzirá fruto, o fruto da paz (*shanti*).

Portanto, a cultura deve ser direcionada para a reforma do caráter. Junto com esta reforma, e à medida que esta reforma for adquirida, o padrão externo de vida econômica também pode ser ajustado. Primeiro, o homem tem de ser treinado na técnica de paz (*shanti*) e felicidade (*santosha*). Estas não dependem do mundo objetivo visível e externo. Assim, não existe nenhum benefício em se preocupar ou debater sobre esses assuntos. Você tem de tomar refúgio no Atma e na contemplação da natureza do Atma, que quer dizer, no verdadeiro “Eu”. Todo esse mundo objetivo brilha somente através da glória do Atma. O corpo não merece ser identificado com o imortal; ele é matéria inerte e nada mais. Você não é a coisa implicada pela palavra “Eu”; você é o Um, sem o segundo. O corpo está sujeito a mudança, é evanescente, sujeito ao declínio. Como ele pode ser o Atma? Não, o Atma é Um e Somente; Ele não pode coexistir com outra entidade. Somente quando todo aspirante espiritual (*sadhaka*), todo homem estiver consciente disso, é que a igualdade, a equanimidade e a alegria poderão ser estabelecidas sobre a terra.

Portanto, contemple sobre o princípio (*Thatva*). Deixando de lado o que é visto, concentre-se naquele que vê; isso iluminará a Verdade.

A natureza da luz é revelar os objetos, iluminando-os; mas a Iluminação Real é somente a propriedade do Atma. O Sol e o Fogo só podem “penetrar” a Escuridão: eles não a destroem completamente, porque a Escuridão e a Luz se opõem uma à outra. Porém, o esplendor do Atma não tem oposição alguma; todos os objetos, todas as naturezas são favoráveis a ele. Ele ilumina tudo. Daí a afirmação: “Os Deuses o aclamam como a Luz das Luzes” (*Tham Devaa Jyotisham Jyotih*).

Sua forma é sabedoria (*jnana*); não coisas, como o corpo físico. O corpo é sempre mutável, não é eterno. O Atma brilha igualmente em toda parte e ilumina tudo, sem qualquer distinção. Ele é da natureza da bem-aventurança (*ananda*) e da Consciência Divina (*Chaitanya*). Assim, torna-se automaticamente Brahman! Essa convicção é a essência da sabedoria (*jnana*).

Aquele que vê um pote pode saber claramente que é um pote, por si mesmo, não é mesmo? Mas como é que alguém se identifica com o corpo, simplesmente porque o apego o faz sentir que é o próprio corpo? Essa é a ignorância (*ajnana*); o egoísmo, a consciência da individualidade. A sabedoria (*jnana*), que é da natureza do Atma, é indestrutível.

O Atma não possui forma, portanto a Tripla Aflição (*Thapatraya*) não o afeta. A Sêxtupla Mutação³⁸ não o afetará, pois Ele é sempre verdadeiro (*sath*), sempre e somente Ele. Ele é um hóspede, distinto do corpo em que habita. O corpo está sujeito a doenças, crescimento e declínio; mas o Atma é livre de todas as mutações. O Atma não tem desejos, impulsos ou intenções. Ele está acima e além das qualidades tamásicas, rajásicas e sátvicas. A natureza (*prakrithi*) é o agente Fazedor. O Espírito (*Purusha*) é como o lótus sobre a água, não afetado, desapegado. “*Prakrithi kartha, Purushasthu pushkara*.....”

38. Mutação Sêxtupla – Nascimento, crescimento, mudança, velhice, morte e declínio.

palasavanirlepah.”

O Atma é enganosamente designado pela palavra Eu, *Aham*. Como pode o visto (Eu) ser aquele que vê, ou seja, o Eterno? Como pode o corpo ser o Eu verdadeiro? Quando esse engano é feito, não pode haver nenhuma paz e alegria. Somente quando essa verdade for entendida e experimentada é que se poderá ter paz (*shanti*).

O Atma tem de ser compreendido, como distinto deste mundo objetivo (*drisya*), tudo isso que é “visível”. Isso só é possível quando a pessoa tem o discernimento (*viveka*) para se livrar da escravidão à natureza (*prakrithi*) e se libertar da ignorância (*avidya*) que diz a ela que aquilo que é “visto” é, na verdade, o real. Esse discernimento (*viveka*) tem de ser adquirido pela prática da Disciplina Óctupla³⁹ (*Ashtanga*), que limpa a ignorância que obscurece o intelecto. Então, o intelecto se torna puro e aguçado e se direciona para o Atma. As pessoas ignorantes, para as quais o entendimento do Atma está além do alcance, se iludem pela crença de que podem obter a alegria do mundo objetivo que seus sentidos podem experimentar. Se a pessoa refletir apenas um pouco, descobrirá que até a breve alegria obtida é simplesmente a mesma bem-aventurança do Atma (*Atmananda*) e não algo separado! Tudo, em toda parte, é bem-aventurança (*ananda*), é néctar Divino (*amritha*). Toda bem-aventurança é *Atmananda*.

Porém, quando se pode descansar na frieza eterna da verdadeira Lua Cheia, deslizando no céu? Quem ficará contente com o retrato da lua e sua luz pintada em um pedaço de tela? Quem se interessará em lançar sequer um olhar a isso? Como se costuma dizer, “a abelha que suga o mel tomará alguma vez o suco amargo?”

39. *Disciplina Óctupla* - Também chamada de *Yoga Óctupla* - Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Prathyahara, Dharana, Dhyana e Samadhi.

Da mesma forma, o aspirante espiritual (*sadhaka*), depois que provar o néctar do autoconhecimento, o conhecimento do Atma, nunca mais poderá gostar do mundo objetivo sensorial. A pessoa absorva em uma lua pintada nunca poderá conhecer a verdadeira lua. Da mesma forma, os homens iludidos pela atração da natureza (*prakrithi*) vagueiam em sua ignorância do Atma e nadam no mundo múltiplo irreal formado pelas três qualidades (*gunas*). Por outro lado, o homem instruído é o que procura a realidade, abandona a falsidade brilhante e deleita-se no Atma, obtendo daí a paz (*shanti*).

Assim, nunca confunda o mundo objetivo (*drisya*), o “visível”, com o mundo permanente ou real! Você não pode regozijar-se em qualquer coisa, exceto no Oceano da bem-aventurança (*ananda*) do Indivisível e Completo Atma ou Brahman. Você pode obter contentamento verdadeiro e completo somente na doce e significativa experiência do próprio *Parabrahman*; somente isso pode dar conforto nesse ciclo de nascimento e morte. Essas coisas irreais nunca podem proporcionar contentamento; o presente é sem existência e significado. Nada, além do Atma, pode, em qualquer época, de qualquer maneira, conceder qualquer benefício, ou trazer alguma paz (*shanti*). O mundo visível não pode colocar um fim no sofrimento e despejar a bem-aventurança (*ananda*).

Tudo mais, além do Atma, é inverdade (*asath*); como a prata na madrepérola, que é uma ilusão, ou água na miragem, um engano; com nenhuma prata verdadeira que se possa pegar ou água verdadeira para extinguir a sede. Do mesmo modo, quando você estabelece sua vida no mundo objetivo sensorial, que não é o Atma (*anatma*) e é produzido pela ignorância (*avidya*), nunca poderá obter felicidade ou alegria. Esses produtos, que são ilustrações da fantasia

não podem saciar a fome, satisfazer a sede ou satisfazer o desejo. Somente o Real pode produzir esses resultados.

Da mesma forma, a remoção do sofrimento recorrente do ciclo de nascimento e morte (*samsara*) pode ser efetuada somente pela realização de Brahman. A paz verdadeira não pode ser obtida por meio de desejos e intenções, estudo e erudição, pompa e publicidade. Ela somente pode vir, por menor que seja, conhecendo-se o Atma.

Por mera força de intenção, pode-se imaginar por um instante uma cena nos Estados Unidos, mas ela pode ser, de fato, experimentada neste mesmo instante? Não, não adiantam imaginação e construção na imagem mental. Ela deve ser experimentada em mente, palavra e corpo. Somente então alguém pode reivindicar ter a verdadeira paz (*shanti*). Portanto, simplesmente saber sobre Brahman, paz (*shanti*), verdade (*sathya*) ou sobre a meta da vida (*sakshathkara*) não leva a lugar algum. Você pode até saber que existe bem-aventurança (*ananda*) nisso tudo, mas isso não tem utilidade. Você tem de dedicar sua vida a conquistar essa bem-aventurança (*ananda*) e entrar na disciplina necessária para adquiri-la; então, você merecerá a Graça do Senhor e a realização de Brahman. Somente então poderá obter a verdadeira bem-aventurança (*ananda*).

É esse assunto que o Vivekachudamani⁴⁰ também ensina de várias maneiras. Aquele que seguir seu ensinamento sem desvio poderá saborear o néctar da Bem-Aventura do Atma poderá alcançar a meta da vida. Isento do sofrimento, que é inevitável quando se lida com objetos sensoriais, não tendo intenções ou desejos, deve-se estar imerso na Felicidade da Própria Verdadeira Realidade. Somente o homem, dentre toda a criação, tem a qualificação para alcançar

40. *Vivekachundamani* – Um grande texto Advaita escrito por Sri Shankaracharya.

essa Alegria Suprema. Que triste tragédia, que o homem tenha negligenciado seu direito e perambula, procurando prazeres inferiores, bugigangas inúteis! Como crianças, brincando com bonecas e galhos e chamando-os de elefantes e cavalos, o homem brinca; mas isso não faz deles verdadeiros elefantes e cavalos. Os homens ignorantes brincam com todos eles com seriedade, imaginando os objetos do mundo como sendo reais, eles riem e choram, em alegria e tristeza; florescem e murcham, enquanto vão de lá para cá. Porém, isso não faz o mundo (*Maya Jagat*) menos irreal!

Quando você está imerso em sono profundo (*sushupthi*), o que acontece com sua alegria e tristeza, seus ganhos e perdas? Eles, naquele momento, não têm veracidade nenhuma; mais tarde também não terão veracidade. Em ambos os tempos, eles não são nada mais que criações de sua imaginação. Aquele que conhece esse segredo exultará sempre na Alegria da Associação com Si Próprio, na Contemplação da Própria Realidade Interior. Essa é a real e permanente Alegria.

Portanto, atenção, todos os aspirantes espirituais (*sadhakas*)! Você, cuja Verdadeira natureza é Átmica! Procure descobrir seu verdadeiro Eu, sua Realidade genuína. Chegue ao conhecimento de que é o próprio Atma. Alegre-se somente no Atma. Aprecie a não diluída, incomparável e ilimitada Bem-Aventura da Consciência do Verdadeiro Eu. Deixe o tempo se fundir Nele, cuja Forma é o Tempo; essa é a tarefa legítima do Homem. Assim é ensinado no *Viveka Chudamani*:

“Com o amuleto da sabedoria (*jnana*) em volta de seu braço, a pessoa pode escapar da má influência das estrelas vis, chamadas de atrações sensuais” (*Jnana raksham samadrtya Jananee sudrdhavan bhavet, Sa eva niratham svasmin svanandamanu-bhunjathe*). Porém, a pessoa não deve, sem a coragem nascida da consciência da sa-

bedoria (*jnana*), dar livre vazão aos sentidos. Deve-se estar sempre vigilante com relação ao mundo externo e sempre imerso na contemplação da própria Realidade Interior. Esse é o sinal do conhecedor da Verdade Suprema. Quando a pessoa está sempre nesse estado, a Verdade auto-iluminadora estará sempre diante do olho da mente e o mundo objetivo (*drisya*) se dissolverá. Se o visível ou o mundo objetivo for sobreposto a este Brahman, que é inseparável e indivisível, ele será somente real como as torres e fortalezas de uma cidade entre as nuvens. Alguém pode construir castelos no ar e neles viver? O céu, o éter (*akasa*), é claro, é sua forma básica ou *rupa*; mas, por essa razão, você não pode erguer uma cidade sobre isso. As torres e fortalezas que você tem a impressão de ver nas nuvens são irreais, criações sem base de sua própria imaginação. Da mesma forma, no Parabrahman, forma amorfa semelhante ao éter, tudo isso sobreposto ao mundo transitório (*jagat*) é falso, desprovido de base. Tudo é apenas o poder vital doador de vida (*Chaitanya*) do não-dual, inigualável, permeado pela bem-aventurança, Parabrahman.

Desfrute sempre da paz (*shanti*) que é o resultado da interrupção das agitações mentais. Não permita que a mente corra atrás disso e daquilo; treine-a para manter-se quieta. Mantenha longe e à distância as reações mentais causadas pelo contato com o mundo externo. Então, você pode se tornar a simples Existência (*Sat*). Esse é o estado além do domínio dos sentidos, ou estado de *Muni*, no qual suas ordens não vigoram. Essa é a verdadeira Meta da Vida (*Sakshatkara*).

Afirma-se que “*mounam bhajaswa*”, mas o que é *mounam*? Não significa manter a boca fechada, mas ficar além da influência de todos os sentidos e sempre estabelecido na consciência de sua própria Realidade. A bem-aventurança (*ananda*) perpétua é também a paz

(*shanti*) perpétua. Quando a mente se afasta do mundo externo, a língua também se torna quieta. Todos os sentidos também se aquietam, isso é o verdadeiro *mounam*.

Esse estágio não pode ser descrito em palavras; não pode ser comunicado aos outros como “assim e assim”; ele pertence ao domínio da experiência. *Mounam* significa “a encarnação do Parabrahma que está além de tudo isso”. Aquele que alcançou isso estará na mais elevada paz (*shanti*) e na mais elevada bem-aventurança (*ananda*). Se as atividades da inteligência estiverem tranquilizadas, e se a inteligência estiver abrigada em Brahman, o indivíduo torna-se difundido em Brahman, “*Parabrahma-mayam*”. O indivíduo tem de observar todo esse mundo à distância, com uma atitude desinteressada. Somente dessa maneira a natureza (*prakrithi*) poderá ser conquistada. Essas pessoas escaparão dos embustes do intelecto, que provocam dúvidas. Ilusões e distrações dualísticas, longe da realidade Átmica.

O intelecto ou *buddhi* é o instrumento principal. Ele deve ser limpo da influência prejudicial do mundo sensorial da natureza (*prakrithi*) e deve brilhar em seu próprio puro esplendor. O intelecto (*buddhi*) não deve ser oscilante nem agitado ou nem mesmo ativado. Quando ele está assim, o mundo mostra-se diverso e multiforme. Quando o intelecto (*buddhi*) está tranquilo, a paz (*shanti*) envolve o homem. Ele é imerso em esplendor (*tejas*). Ele está em *Akhanda paripurna ananda*. Esse estágio também é chamado de Nirvikalpa, o eternamente estabelecido no divino (*Nirvikalpa-mounam*).

Portanto, que todos os aspirantes espirituais (*sadhakas*), através de vidas disciplinadas e esforço contínuo, possam se estabelecer no conhecimento de sua própria Realidade (*Swarupa*). Que eles possam manter suas mentes longe deste mundo objetivo (*drisya*), contem-

plar sempre em Paramatma, adquirir paz mental, se afastar de todo o contato com o mundo sensório, se saturar em bem-aventurança (*ananda*) e se conhecer como o Um sem o Segundo.

Isso é *Udasenabhava*, o estágio do Desinteresse, a condição da pessoa que compreendeu a Verdade. Não haverá nunca mais outro, tudo o que existe é ele mesmo. Os santos, Suka⁴¹, Sanaka⁴², Sanada⁴³ e outros alcançaram a Bem-Aventurança dessa paz (*shanti*) incomparável. Eles não tinham aflição, dúvida ou distração porque não tinham necessidade de novos pensamentos e indagações; não eram incomodados por nenhuma mudança ou modificação, pois o Atma não tem nada disso! Uma vez que a pessoa provou essa doçura, nunca mais dará ouvido a qualquer outra palavra ou argumento perturbador. Ele nunca mais acolherá qualquer pensamento que distrai, nunca mais será arrastado em direção a qualquer apego diversivo. Ele se manterá firme em sua convicção.

A característica especial do homem entre todos os seres criados é o seu poder de discernimento (*viveka*). Ele está, portanto, obrigado a agir sempre usando sua capacidade de discernimento. Porém, existem duas forças colocando obstáculos em seu caminho: a primeira força, o ignorante que induz o indivíduo à inação e a segunda, os Professores de *Sankya* (questionamento sobre a natureza dos objetos materiais). O primeiro grupo de pessoas, embora possam desistir da atividade através de seus sentidos, é incapaz de afastar suas mentes e continua a confinar atos em suas mentes. Assim, sua inatividade é sem significado e irreal. Isso é uma mistura de verdade e falsidade (*mithya*).

41. Suka - Um grande sábio, filho de Vyasa.

42. Sanaka - Um grande sábio.

43. Sananda - Um grande sábio.

Os *Sankyans* usam um número de argumentos contra a ação (*karma*). “A ação (*karma*) causa o bem (*punya*) e o mal (*papa*)”, e então se diz que “o sábio deve abandonar toda a ação (*karma*)”. Na Gita, Krishna se opôs a esse argumento e mostrou o caminho para obter o bem a partir da ação (*karma*) e evitar o mal. Eles dizem ainda que, quando se engaja em ação, os resultados são uma mistura de dor e prazer, de benefício e perda, e leva aquele que a pratica, tanto ao céu como ao inferno, ou novamente de volta para a terra, o que significa algum tipo de escravidão. Assim, eles pedem que as pessoas abandonem a ação (*karma*) e assumam a inércia. A Gita também tem uma resposta para isso. A ação (*karma*) trará escravidão somente quando é utilizada com vista ao fruto da ação. Por outro lado, quando é realizada sem nenhum pensamento a respeito do fruto, leva à libertação (*moksha*)! Ora, até pessoas liberadas se engajam em ação (*karma*), apesar de não receberem nenhum benefício dela, apenas para promover o bem-estar do mundo! Certamente qualquer coisa que um homem liberto faça automaticamente deve conduzir ao bem-estar do mundo. Deve-se estar engajado na ação (*karma*), pois esse é o meio de garantir a paz (*shanti*) já conquistada.

Se existe algo mais doce do que todas as coisas doces, mais auspicioso do que todas as coisas auspiciosas, mais sagrado do que todos os objetos sagrados, em verdade é o Nome do Senhor, ou o Próprio Senhor. Abandone a companhia das pessoas apegadas às coisas mundanas, a associação com aqueles que estão infectados por qualidades demoníacas. Mantenha-se afastado de todo tipo de má ação. Procure sempre a companhia do sábio, do bom. Tome refúgio em Narayana; Ele, o Puro, é a perfeita Encarnação da paz (*shanti*), da felicidade e da sabedoria (*jnana*). Ele, o Senhor Hari, está localizado

dentro de cada um. Ele permanece constantemente no local onde os devotos honram Seu Nome, verdadeiramente e com um só objetivo. Portanto, primeiro você tem de praticar intensa devoção (*bhakti*) ao Senhor, então você certamente poderá alcançar a felicidade real e permanente e a sabedoria.

Qual é a utilidade de perseguir os prazeres transitórios dos sentidos? Adore o Deus (Hari) que vive na cavidade de seu coração; mais próximo de você do que seu amigo mais íntimo, do que seu pai, mãe ou guru, aquele que é tudo isso e mais para você. O corpo físico para o qual você deseja todo esse conforto e luxúria está sujeito a dano e deterioração. Um dia ele se tornará comida para cães e chacais. Deus (Hari), por outro lado, promove a felicidade e a vibração do Amor Sagrado. Entregue seu coração a Ele. Ele não deseja mais nada de você. Ele não pode ser alcançado por outro meio, seja por grande erudição, votos pomposos ou rituais coloridos.

Do curto período da vida humana, metade é gasto com o sono. A outra metade é gasta à toa, na satisfação de desejos estúpidos. Na nulidade da velhice, na ignorância impotente da infância e juventude, na miséria, trabalho e doença. Você pode dedicar alguns anos para alguma atividade que vale a pena. Tome o cuidado de não fazer mau uso até dessas atividades para buscas tolas de prazeres sensórios. Use pelo menos esses anos preciosos para a contemplação da glória do Senhor, para a fixação de sua mente em Seus Pés de Lótus, cada vez mais firmemente e, desse modo, conduzir-se ao longo do vasto oceano do Nascimento e Morte.

Portanto, pratique todas as horas, e sob todas as circunstâncias, a recordação do Nome do Senhor, com amor e devoção. Esse nome é o raio que destruirá as montanhas do pecado, é a cura infalível para

as doenças do medo do puro mundanismo. Certamente, esse nome o dotará com a paz (*shanti*)!

O nome de Deus (Hari) é como o esplendor do Sol Nascente, que dissipa a escuridão da ilusão. Ele é tão luminoso, tão universal, como sagrado. Não faça mau uso desse Nome sagrado nem por um segundo. Não deixe passar nem um segundo sem trazer esse Nome à mente. Lembre-se, a doçura desse Nome, quando foi repetido por Pralada, dominou os corações dos demônios que o ouviram. Os filhos dos demônios repetiram o Nome junto com Pralada e, conduzido por ele, começaram a cantar e dançar com alegria, armando-se com machados para defender seu líder!

O Nome do Senhor, que pode transformar o caráter demoníaco e purificá-lo, transformando-o em néctar, na verdade é o céu da paz (*shanti*) para todos, para o mundo. Repetir o Nome sem interrupção, amar a Forma e o Nome com intensidade, é o que merece ser chamado de devoção (*bhakti*). Devoção (*bhakti*) significa o amor mais puro e elevado, dirigido ao Senhor. Qualquer pessoa pode alcançar essa devoção (*bhakti*). A porta da Bhakti Yoga está aberta para todos; o único passaporte necessário é o desejo pela libertação (*moksha*). Esse desejo dá ao homem o direito à sua herança.

É claro que esse amor começará a manifestar-se somente após o conhecimento da glória e do esplendor do Senhor, bem como de Suas Características Inatas de Onisciência, Onipotência e Imanência em toda a Criação. Aquele que é dotado com amor (*prema*) dessa natureza, que vive sempre com o Senhor, certamente será libertado.

O que significa a expressão “conhecer Deus”? Significa “amar a Deus”. O conhecimento sem a devoção produz o ódio. Esse conhecimento leva ao mau uso do poder; não é conhecimento digno do

nome. É ignorância confundida com seu oposto. Somente através da devoção (*bhakti*) é que esse conhecimento (*jnana*) se torna estável e profundamente enraizado.

Qual o sinal de um sábio (*janin*)? É o amor (*prema*), o fato de possuir o amor (*prema*) que sempre se expande. Quando a devoção (*bhakti*) ou, em outras palavras, o amor pelo Senhor se manifestar, a ignorância gradativamente desaparecerá. Devoção (*bhakti*) e ódio não podem coexistir, eles são contraditórios. Devoção (*bhakti*) e amor, entretanto, são da mesma natureza.

O homem mundano está infectado somente com amor para com os objetos materiais, mas o mesmo amor, quando assume a forma de devoção (*bhakti*), ou Amor a Deus leva o homem à realização da própria Divindade. A palavra “*rasa*” indica a atração dos objetos mundanos, bem como o desejo pela alegria da realização de Deus.

As conseqüências da ação (*karma*) são diminuídas passando por elas, e então você nasce novamente, mas os frutos da devoção (*bhakti*) não são diminuídos de jeito nenhum. Eles duram para sempre. A libertação permanece, não acaba. Na verdade, a devoção (*bhakti*) é a verdadeira técnica para a libertação humana. Essa é a disciplina espiritual (*sadhana*) por excelência. Todas as outras técnicas são baseadas nela.

Devoção (*bhakti*) e sabedoria (*jnana*) são como uma dupla de bois para a carroça, ambos têm de puxar ao mesmo tempo. Cada um deles tem de manter compasso com o outro e ajudar o outro a puxar a carga mais rapidamente. A sabedoria (*jnana*) tem de ajudar a aumentar a devoção (*bhakti*), a devoção (*bhakti*) tem de contribuir para o crescimento da sabedoria (*jnana*).

É por causa dessa ajuda mútua, dessa colaboração, que as vaqueiras (*gopis*) de Brindavan foram capazes de alcançar a libertação

(*moksha*). Sua devoção (*bhakti*) ao Senhor Krishna dotou-as também da mais elevada Sabedoria (*Jnana*). Ora, a essência da devoção (*bhakti*), bem como a essência da sabedoria (*jnana*), é paz (*shanti*), o mais elevado tipo de paz, que é *Prasanthi*. *Prasanthi* leva o indivíduo à Glória do Esplendor Espiritual (*Prakanthi*), e dali ao Super-Esplendor da Suprema Revelação (*Paramjyotih*).

A sabedoria (*jnana*) é um acompanhamento da devoção (*bhakti*), faz parte componente da devoção (*bhakti*). O amor estabelecido em Deus é o mais benéfico, ele produz o maior bem (*subha*). Ele não amarrará o homem à terra, o levará pela mão ao longo da estrada da libertação (*moksha*). Ele livrará o indivíduo, automaticamente, de todos os tipos de laços e apegos. O indivíduo tem de lutar somente para evitar a má companhia. A associação constante com a boa companhia promoverá o sentimento de desapego.

Mais do que o partidário do caminho da ação (*karma*), da sabedoria (*jnana*) ou da yoga, o seguidor do caminho da devoção (*bhakti*) é declarado afortunado e superior. Ele é melhor do que o *yogi*, o renunciante (*sanyasi*), o sábio (*janin*) e o aspirante espiritual (*sadhaka*) que segue a disciplina da ação (*karma*).

Essa é a razão pela qual Krishna dirigiu Arjuna na Gita para se tornar um grande *Yogi*. Além disso, Ele também disse: “Dentre os *Yogis*, aquele que medita firmemente no Eu Superior como fundido em Mim está, na verdade, com a mais elevada devoção (*bhakti*)”. Então, Arjuna perguntou a ele: “Entre estes, aqueles que o adoram sempre dessa maneira e aqueles que o adoram como Indestrutível, Imperceptível, etc, qual dentre eles, Ó senhor, triunfam mais na *yoga*?” A isso Krishna respondeu: “Quem quer que fixe sua mente em Mim e Me adore, quem quer que esteja firme e alegrando-se com isto,

este conquistou a maior fortuna”. Assim, a fé (*sradha*) é sempre essencial em assuntos espirituais relacionados a Deus. A fé não possui limitações e, portanto, seus resultados também não têm declínio. Os frutos de todas as ações na forma de disciplinas espirituais (*sadhanas*) feitas na busca da realização de Deus são dependentes da sabedoria (*jnana*) nas disciplinas espirituais internas e da devoção (*bhakti*) em disciplina espiritual externa.

Quando o próprio Brahman é o objeto, ele se torna sabedoria (*jnana*). *Sravanam*, ou ouvir discursos sobre as escrituras sagradas da Índia (*Sastra*), chamar à mente o que se tenha ouvido (*mananam*) e meditar sobre as coisas recordadas pela memória (*nididhyasa*) são coisas que devem ser feitas sem interrupção até que a devoção (*bhakti*) esteja totalmente desenvolvida. Em vez disso, os devotos (*bhaktas*) frequentemente lidam com Deus com um espírito de barganha ou com espírito de comerciante! Essa atitude deve ser abandonada. Quem quer que seja a pessoa não deve pedir a seu Deus, ou Isthadevatha, nada além de devoção (*bhakti*) ou amor (*prema*). Se fizer isso, ela não é um verdadeiro devoto (*bhakta*). O fluxo ininterrupto de amor em direção aos Pés do Senhor é a verdadeira entrega. Somente essa entrega garante a paz (*shanti*) e assegura a paz (*shanti*), a verdadeira paz (*shanti*).

O ensinamento é de dois tipos: indireto e direto. O ensinamento através dos Vedas e dos Vedangas, dedução e indução, raciocínio e conclusão, é indireto. Quando esse entendimento é experimentado e realizado, ele se torna direto. O Universal Absoluto (Parabrahma), que é Verdade (Sathya), Sabedoria (Jnana) e Bem-Aventura (Ananda), é auto-evidente e, assim, seu entendimento só pode ser, na melhor das hipóteses, indireto. Considerado de um ponto de vista, o Brahman não conhece direto nem indireto. Ele é único, estando

além de ambos. Para obter esse conhecimento direto do Absoluto, o primeiro requisito é a disciplina espiritual (*sadhana*). E o primeiro passo nessa disciplina espiritual (*sadhana*) é o serviço prestado ao verdadeiro mestre (*Sad Guru*), com fé completa e submissão total. O *Sad Guru* também deve estar sempre instruindo o aspirante espiritual (*sadhaka*), de uma maneira simples, sobre a natureza de Brahman. Quando o discípulo compreende essa instrução, ela se torna o conhecimento indireto (*Paroksha-jnana*). Esse Conhecimento Indireto (*Paroksha-jnana*) pode ser transformado em Conhecimento Direto (*Aparoksha*) pela constante lembrança (*manana*) na mente. O Conhecimento Indireto é tão mutável como letras arrastadas na água, enquanto o Conhecimento adquirido no modo de Conhecimento Direto (*Aparoksha*) não se pode apagar, como letras entalhadas na rocha.

Quando o som “cavalo” é ouvido, a forma do “cavalo” se apresenta diante da mente. Da mesma forma, com a palavra “Brahman” a natureza de Brahman virá à consciência. Isso é o que se chama de meditação (*dhyana*) por aqueles que são versados nos Princípios Fundamentais da Disciplina Espiritual (*Sadhana Chathushtaya*). Para estar estabilizado na meditação (*dhyana*), o aspirante deve cultivar o controle dos sentidos (*sama*) e das paixões (*dama*) e também a atitude de agir sem nenhum desejo pelos frutos da ação. Quem quer que seja um adepto das Seis Qualificações, do controle dos sentidos e das paixões, poderá facilmente ver, com o olho da mente, a personificação de Brahman, logo que escute a exposição de Sua natureza. A renúncia do desejo pelo prazer dos frutos da ação (*phal-abhogaviraga*) também é essencial. Quando essa renúncia (*vairagya*) cria raízes profundas, a consciência (*chittam*) se torna pura e o afastamento (*uparathi*) dos sentidos do mundo objetivo torna-se possível.

A Yoga também é de dois tipos: Raja Yoga e Jnana Yoga. Na Raja Yoga, há oito estágios que têm de ser bem cultivados e realizados. Destes oito estágios, alguns são externos, alguns internos. Esse é o caminho Ariano. Na Jnana Yoga, não há nenhum “externo”. Ambas as Yogas têm sua meta, a tranquilização das agitações de todos os níveis de consciência. Para aqueles que acalmaram todas essas agitações, tudo é Brahman. Fundamental para esse propósito é Jnana Yoga, mais do que a Raja Yoga. Pelo menos essa é a opinião dos Conhecedores de Brahman: eles dizem: “esta é a coisa a ser conhecida, a ser alcançada”.

Porém, de acordo com a Sabedoria dos Upanishads, o conhecimento direto de Brahman pode ser obtido pela Yoga de Oito Passos: *Yama*, *Niyama*, *Asana*, *Pranayama*, *Prathyahara*, *Dharana*, *Dhyana* e *Samadhi*.

Yama inclui: não-violência (*ahimsa*), verdade (*sathya*), não furtar (*astheya*), celibato (*brahmacharya*) e não aceitação (*aparigraha*).

Este é o significado usual, dado a *Yama*, mas Eu gostaria de dizer que *Yama* significa abandonar os apegos do corpo e dos sentidos. A entidade Brahma (que é destituída de Nome, Forma e de Qualidades, que não tem fim, sem alegria ou tristeza, sem modificações, que é eterna e da Natureza de *Sat-Chit-Ananda* [Ser-Consciência e Bem-Aventura]), aparece como resultado da ilusão, como toda essa Criação (dotada com todas as qualidades e modificações, isto é, Nome, Forma, transformação de ascensão e declínio, alegria e tristeza). Essa aparência tem um Fim. Ela tem várias outras limitações e parece estar sempre em movimento e então é chamada de fluxo do tempo (*samsara*). Assim, essa entidade Brahma aparece tanto na forma individual de *Vyashti* como na forma coletiva de *Samashti* e ilude mesmo os grandes sábios e eruditos (*pandits*).

Uma única consciência (*Chaitanya*) torna-se manifesta de diferentes maneiras como toda essa multiplicidade. Portanto, falamos do particular e do coletivo, isto é, uma coleção de particulares. É claro que o particular (*vyashti*) é uma superposição de Brahman, como vendo a serpente em posição defensiva, o lago na miragem. Cada um dos três corpos, o grosseiro (*sthola*), o sutil (*sokshma*) e o causal (*karana*), é, na verdade, para aquele que conhece Brahman, uma superposição. Não é correto dizer que é real ou irreal: ele não é real nem irreal, é uma mistura de verdade e falsidade (*mithya*). O homem ignorante, apanhado pelas malhas dessa ilusão, acredita que o fluxo do tempo (*samsara*) é duradouro e uma fonte de felicidade.

Identificando-se falsamente com o corpo, os homens sofrem nas espirais do apego com relação à mãe, pai, esposa, filhos, parentes e amigos. Eles não compreendem (através da contemplação constante de Brahman com as características de Ser-Consciência e Bem-Aventura [Sat-Chit-Ananda], através da discriminação incessante entre o imutável e o mutável, da associação com o bom, do serviço ao sábio e da aquisição de pureza de inteligência) que não possuem corpos nem sentidos, que são Brahman (o amparo e o suporte, a fundação [*adhishtana*], o corpo triplo e tudo mais). O estabelecimento de um intelecto nessa consciência é a verdadeira renúncia (*vairagya*) do corpo e dos sentidos, contida na palavra *Yama*, como Eu defino anteriormente. Isso é o que chamado de *Yama*, na Jnana Yoga.

Alegria em tempos de boa fortuna e tristeza em tempos de má fortuna, confundir a dor do corpo e dos sentidos como se fosse sua própria dor, é uma atitude dual e um sentimento que tem de ser superado. Passo a passo, a identificação com o corpo e os sentidos tem de ser abandonada. Esse é o sinal de que se adquiriu o corpo (*Angam*) do *Yama*. Este corpo (*Angam*) é a verdadeira fundação do Jnana Yoga.

Niyama: Niyama significa pureza, estar sempre repleto de alegria, engajado em austeridades (*tapas*) ou na recordação constante do Nome de Deus (*japam*). Isso é o que é mencionado na Raja Yoga: pureza (*soucha*), alegria (*santocha*), austeridades (*tapas*), estudo (*swadhyaya*) e entrega ao Senhor (*Eswarapranidana*). Esses são os componentes de Niyama.

Porém, Eu explicaria Niyama da seguinte maneira. Niyama é a condição de permanente amor (*prema*) em direção a Paramatma ou à Divindade, em todas as horas e sob todas as circunstâncias. Afirma-se no Narada Bhakti Sutra: *Sa parama prema ropa* (É a mais elevada forma de amor). Somente quando esse Amor constante para com o Absoluto é alcançado é que a pureza (*soucha*), a alegria (*santocha*), a austeridade (*tapas*), o estudo (*swadhyaya*) e a entrega ao Senhor (*Eswarapranidana*) mencionados na Raja Yoga também poderão ser alcançados. Quando o estado de Yama for conquistado, a bem-aventurança (*ananda*) e a paz (*shanti*) se tornarão propriedade do homem através da fonte de toda a bem-aventurança e paz, que é a entidade Parabrahma, Ser-Consciência e Bem-Aventurança (*Sat-Chit-Ananda*).

Portanto, esses dois não são provenientes dos ásperos objetos materiais mundanos. Ele é doçura (*Rasovai sah*), Brahma é Bem-Aventurança (*Ananda*), dizem os Upanishads. É em Brahma e através de Brahma que o mundo material é dotado até mesmo com a mais minúscula quantidade de alegria. Sem o Brahma fundamental, que é a mais completa e plena doçura e alegria, essa aparência passageira e evanescente não pode ser tão doce e doadora de alegria para aquele que é ligado ao mundano! Ele teria sido terrivelmente amargo sem a doçura (*rasa*) fundamental, uma vez que essa pequena doçura que os objetos materiais oferecem tem como causa aquele Oceano de Néctar. A associação

com os conhecedores de Brahma, a discussão com eles a respeito da natureza do Absoluto com um espírito de humildade e seriedade, a sede de compreender a Realidade e o amor (*prema*) firme para com o Senhor são as características daqueles que estão estabelecidos em Niyama. Essas pessoas fortes não serão afetadas pelo escárnio ou pelo elogio, pelo vento, sol ou chuva, pela honra ou desonra. Eles trilharão o caminho da libertação livres do apego a qualquer coisa, a não ser ao objetivo único de realizar a bem-aventurança (*ananda*) da harmonia com o Brahma fundamental.

Aquele que realizou o estágio de Niyama estará livre para sacrificar tudo para a aquisição da sabedoria (*jnana*). Ele percorrerá qualquer distância para ouvir argumentos de Brahman, obedecerá a todas as instruções do sábio. Ele se unirá àqueles que lhe ensinem a ciência da ultraconsciência (*Chinmaya thatwa*), como se fossem seus amigos mais íntimos; suportará qualquer problema para satisfazer seus desejos. Esses são os sinais da pessoa que alcançou Niyama ou *Niyamastha*.

Asana: a pessoa deve ter uma postura estável para sentar, o que significa dizer que não deve se sacudir ou oscilar, mas, mesmo que a pessoa se sente como uma rocha, imóvel e com todas as juntas travadas, isso não pode ser chamado de *Asana*. Isso não é sinal de verdadeira *Asana*. *Asana* significa tanto estabilidade da estrutura física como a alegria interna que floresce no coração. Assim, qualquer que seja a postura adotada pelo aspirante espiritual (*sadhaka*) de yoga, ela deve ser estável e confortável. É por isso que Patanjali⁴⁴ aconselhou “Postura confortável e estável” (*Sthirasukham-asana*). Eu estou

44. Patanjali – O autor do Yoga Sutas, uma descrição clássica do modo de auto-realização através da meditação. Patanjali viveu por volta do século II e seu método é às vezes referido como raja yoga.

dizendo a vocês a mesma coisa de outra maneira: qual é a melhor postura (*Asana*) e a que produz melhor resultado? É aquela postura na qual a pessoa é menos afetada pelo mundo externo, é aquela postura que vem da prática da vida moral, meritório no mundo e de acordo com o caminho Védico. É a absoluta falta de interesse em assuntos não ligados ao Paramatma. Quando alguém cujas maneiras você não aprecia vem para perto de você, não há necessidade de encontrar falha nele, também não há necessidade de rir para ele ou mostrar seu desprezo. É suficiente que você continue a fazer seu trabalho, não afetado pela chegada dessa pessoa.

Deixe que aqueles cujo comportamento você não aprecia sigam seu caminho. Deixem essas pessoas em paz. Essa é a atitude da naturalidade (*udasenabhava*). Após a manifestação do amor pelo Absoluto, o aspirante obtém essa atitude mental ou sentimento (*bhava*) com relação a todas as coisas mundanas. Para ser mais exato, o indivíduo deve constantemente revolver na mente a Realidade de Brahma e a não-realidade do mundo material (*jagat*) (Brahma Sathya: Jaganmithya). O indivíduo deve evitar a companhia do mau e muita amizade até com os bons! O apego dessa natureza arrastará o indivíduo do Caminho centrípeto, o Caminho do desapego (*Nivrithi Marga*) para o Caminho do apego (*Pravrithi Marga*). Abandone o apego ao transitório, as coisas vestidas com os ornamentos do Nome e da Forma. Uma vez que você tenha alcançado essa atitude de naturalidade (*udasenabhava*), terá paz (*shanti*) inabalável, autocontrole e pureza de mente. Você terá a firmeza e a estabilidade de *Asana*.

Pranayama geralmente significa o controle e a regulação na aspiração e expiração do ar. Na Yoga Sastras, isso é explicado como exalação da respiração (*rechaka*), a inalação (*poraka*), a retenção da

respiração (*kumbhaka*), etc, compreendendo os vários estágios do controle respiratório, mas Eu explico desta maneira: o controle da aspiração e a expiração (*prana-samyama*) só são possíveis para aqueles que consideram todo esse universo “irreal”. Estamos vendo ornamentos dourados de vários tipos e estilos, todos feitos do mesmo metal, o ouro, mas ainda assim uns gostam mais de um ornamento e menos de outro. Nós mesmos demos vários nomes e formas a esses artigos, de acordo com as necessidades e modas, gostos e desejos. Ainda estamos amarrados a uma ilusão sem sentido que nos cega para a realidade. Quando se pensa nos ornamentos, quando eles estavam sendo fabricados, quando estão em uso e finalmente quando são derretidos, eles são e permanecem “ouro”, não é mesmo?

Do mesmo modo, tantos nomes e formas aparecem e reaparecem neste mundo, nascem, crescem e são destruídos, mas aquilo que é o substrato básico, o eterno, persiste em toda essa mudança e através dela, e permanece eterno. Assim como as formas múltiplas criam a ilusão e despertam sentimentos de ódio e amor, essas formas e nomes também iludem e criam apego. Eles nos fazem acreditar que são eles próprios a fonte de alegria, mas os *Sruthis*⁴⁵ não dizem que o universo não é nada além de Brahman, aquele que não tem início, o Eterno, o Imaculado, o sempre Puro? Eles declaram que os ornamentos são estágios passageiros, que somente o Ouro é eterno, real e verdadeiro. Portanto, você deve tomar tudo como sendo Brahman e somente Brahman. Convençam-se de que toda aparência é produto da ilusão (*maya*), pratiquem sempre esse tipo de distinção. Demonstrem grande interesse em conhecer a realidade e estejam sempre alertas para reconhecer a verdade de que tudo é Brahman.

45. *Sruthi* – originalmente os Vedas existiam somente na forma de som, nas escrituras sagradas, *Sruthi* é aquilo que é ouvido.

É claro que, no estágio da ilusão, o mundo aparece como real e Brahman, como um plano sem sentido. No estágio da claridade inteligente, o mundo (*jagat*) é compreendido em seu verdadeiro sentido, como irreal. O Encantamento da Ilusão o domina por seu fascínio e suas flechas de falsidade e brilho. Somente a pessoa que possui a visão do Brahman universal é que pode logo escapar de suas armadilhas. Uma pessoa como essa sabe muito bem que os nomes e formas surgiram há pouco tempo e desaparecem pouco tempo depois. Na Gita também se afirma que “estes, Ó Bharatha, aparecem somente no meio” (II - 28). O mundo está sujeito à evolução e à involução. Para entender isso, a pessoa não precisa esperar até o fim do mundo. É suficiente que o ângulo de visão esteja correto. Esse é o caminho para o verdadeiro conhecimento. Esse é o verdadeiro controle da respiração, a consciência de que o mundo é irreal (*mithya*).

O verdadeiro mestre do *Pranayama* retratará o mundo como letras escritas a lápis muitos anos atrás, confuso, obscuro, nebuloso. Sabendo que somente Brahman é tudo isso, ele nunca será arrastado para os arredores deste mundo, por mais fascinante que seja. Lucros, riqueza, propriedade, tudo é irreal e sem valor, não vale a pena. Essa convicção é o melhor sinal de *Pranayama*.

A língua saboreia, os olhos veem, o ouvido escuta, a pele sente e o nariz cheira; cada sentido atua assim através da vida, não é? Os sentidos têm de ser afastados do mundo objetivo externo e voltados para a Consciência Mental interna ou Inteligência (*chit*). Esse processo é chamado por Patanjali em seu *Yoga Sūtras* de controle da mente (*Prathyahara*), entretanto Eu definirei de outra maneira também.

A atividade interior da consciência (*chit*), ou seja, o discernimento permanente da consciência (*chit*), a força diretiva fundamental de

todos os sentidos: esse é que é o verdadeiro significado de *Prathyahara*. Somente quando a consciência (*chit*), ou a essência da Mente, compreender que tudo isso nasceu da ilusão (*maya*) e é mantido pela ilusão (*maya*) que ela vai puxar seus tentáculos do mundo sensorio e abandonar sua atitude egoísta mundana. A natureza comum da consciência (*chit*) é oscilar, hesitar e confundir em sua busca por felicidade e paz. Quando ela sabe que as coisas que está perseguindo são transitórias e sem significado, torna-se envergonhada e desiludida. Então, começa a iluminar a consciência e purificá-la.

O aspirante espiritual (*sadhaka*) que alcançou esse estágio estará observando o mundo externo como uma imensa pantomima. Seu olhar interior lhe dará essa alegria e contentamento que ele se arrependerá de todo o tempo desperdiçado em atividades externas e na busca de prazer sensorio. Assim, a visão correta, nítida e direcionada da consciência (*chit*) em direção ao Atma interior é o verdadeiro controle da mente (*Prathyahara*).

Patanjali explicou que, quando a consciência (*chit*) é fixada em um local, é chamada de *Dharana*. Eu diria que isso significa mais a atitude constante da consciência (*chit*), seu caráter firme. Quando a consciência (*chit*) abandona o apego aos objetos externos, quando é saturada de arrependimento por tolices do passado; quando é preenchida de arrependimento, renúncia e compreensão; quando ela promove diretamente o desenvolvimento de qualidades progressivas da cabeça e do coração, então realmente ela se torna capaz de se ligar ao Ideal. Ela contempla somente o Ideal. Essa atenção fixa é o significado de *Dharana*.

Para qualquer lugar que a consciência possa vagar, instrua-a a encontrar lá somente Brahman. Qualquer que seja a idéia ou imagem que ela forme, instrua-a a encontrar somente Brahman nessas criações de natureza mental.

Trate sua consciência como um pequeno garoto. Eduque esse garoto, treinando-o para se tornar cada vez sábio. Trate-o carinhosamente, faça-o consciente de que todos os objetos que são “vistos” são apenas produtos de sua própria ilusão. Remova todos os seus medos e fraquezas e centralize constantemente sua atenção somente na meta. Nunca lide violentamente com a consciência. Ela se submeterá facilmente à ternura e ao treinamento perseverante. Corrija seus caprichos através da atitude da renúncia. Destrua sua ignorância (*ajnana*) por meio da instrução no conhecimento do Atma. Fortaleça o interesse pela realização do Atma com o qual esta já é dotada; permita que ela abandone a atração pelo evanescente e pelo falso, as ilusões criadas pela imaginação e fantasia; volte sua atenção para dentro, longe do mundo externo. Através desses três métodos, essa atenção fixa (*dharana*) poderá ser firmemente estabelecida.

Tanto durante o período acordado como no estágio de sonho, bem como durante todo o processo de rotação mental e elaboração de imagens coloridas pela imaginação, a consciência (*chit*) tem de ser observada e treinada. Deve-se fazer com que flua, unidirecionada e firme como a água de uma eclusa, em direção a Brahman e somente a Brahman. Isso é realmente *Dharana*.

A sabedoria que flui em uma única direção é meditação (*dhya-na*). Eu já descrevi suas várias características em outros artigos. A meditação, em resumo, é o morar ininterrupto da consciência na sabedoria (*jnana*), a própria consciência se tornando a manifestação da sabedoria (*jnanaswarupa*). Tudo isso é Brahman. O oceano do néctar da imortalidade (*amrita*) é, em toda parte, *amrita*. Seja no poço, no reservatório, no rio ou no oceano, a água é água. Da mesma forma, quando tudo é Brahman, tudo é a mesma substância aparecendo sob

a multiplicidade de nomes e formas. O ar, o éter (*akasa*) está lá, dentro do pote, bem como do lado de fora, e é o mesmo ar (*akasa*), ainda que apareça como dois: o interno e o externo! O Brahman, também aparecendo como vários corpos com suas próprias características individuais, é Um e somente Um, do mesmo modo como o ar (*akasa*) é Um, dentro do pote e fora dele. Experimentar esse Um e somente Brahman, evitar todos os sentimentos de diferença e distinção, isso é um sinal de meditação (*dhyana*), é a essência da experiência da meditação, embora muitas características possam variar.

Quando a forma é ignorada e somente o significado é percebido, temos o êxtase espiritual (*samadhi*). Essa é a opinião de Patanjali, mas *samadhi* também pode ser explicado de outra maneira. Quando a pessoa dedicada à meditação (*dhyana*) esquece tanto a si própria quanto o fato de estar ocupada com a meditação (*dhyana*), então isso se torna o êxtase espiritual (*samadhi*). Isso quer dizer, quando a pessoa se funde com a coisa sobre a qual medita, ela entra no estágio chamado de *samadhi*. A meditação (*dhyana*) se realiza, torna-se completa no *samadhi*. A meditação se esforça, continua através de esforço, mas o êxtase espiritual (*samadhi*) vem sem esforço. O *samadhi* é o auge da Disciplina de Oito Passos, o *Ashtanga*.

Quando se sabe que não há absolutamente a mínima distinção entre a alma individual (*Jiva*) e o Atma, que eles são um e o mesmo, então, este é o êxtase espiritual (*samadhi*) mais elevado: ele é fruto da mais perfeita meditação (*dhyana*). É o momento mais precioso dos *Yogis*, o destruidor da ignorância (*ajnana*), o sinal da Graça de Deus. A sede incessante de conhecer o Atma como sendo tudo é digna de ser encorajada e é bem-vinda, pois é o caminho através do qual todas as dúvidas podem ser eliminadas.

O êxtase espiritual é de dois tipos: Savikalpa e Nirvikalpa. No Savikalpa, a Tripla Natureza, do Conhecedor, do Conhecimento e do objeto a ser conhecido, ainda persistirá. Quando é compreendido que o Conhecedor é Brahman, que o Conhecimento é Brahman e a coisa a ser conhecida também é Brahman, então não haverá mais agitação ou atividade (*vikalpa*). Isso é o Nirvikalpa Samadhi.

O êxtase espiritual (*samadhi*) é como o oceano para o qual toda disciplina espiritual (*sadhana*) flui. Os oito cursos de Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Prathyahara, Dharana e Dhyana encontram sua consumação nele. Todo vestígio do nome e da forma desaparecem neste Oceano. Aquele que serve e aquele que recebe o serviço, aquele que medita e aquele sobre o qual se medita: toda essa dualidade é dissipada e destruída. A pessoa não experimentará nem mesmo a experiência, o que significa dizer que a pessoa não estará consciente de que está experimentando! A si próprio, nada mais, isso será o êxtase espiritual (*samadhi*). Se houver mais alguma coisa, não pode ser *samadhi*. É algo como um sonho, uma fantasia ou uma visão passageira, na melhor das hipóteses. O *Samadhi* não pode admitir nada além de Brahman.



GLOSSÁRIO

Aqui são dados os significados de palavras em sânscrito usadas em discussões religiosas e assuntos filosóficos, mais particularmente usadas em textos de Sri Sathya Sai Baba, reproduzidos neste volume. Este índice procura fornecer significados abrangentes e explicações detalhadas das palavras em sânscrito mais importantes para auxiliar os leitores leigos interessados na religião e filosofia hindus.

Asana – Significa tanto a estabilidade do corpo físico como a alegria interior que floresce no coração.

Adhishtana – Fundação

Aham – Eu sou, Eu, o conhecedor.

Ahamkara – Egotismo resultante da identificação de si próprio com o corpo. Causa a percepção de “Eu faço” e “Eu experiencio”.

Ahimsa – Não violência.

Aikya – Unidade com Deus.

Ajnana – Ignorância (que impede a percepção da realidade).

Akasa – Espaço; éter; a forma mais sutil de matéria.

Akhandaikarasa – O fluxo único ininterrupto da doçura.

Ama – Mãe.

Amrita – Néctar divino; néctar doador da imortalidade.

Ananda – Bem-Aventura divina. O Eu superior é puro, bem-aventurança eterna. Os prazeres são apenas suas tênues e impermanentes sombras.

Anga – Corpo, membros.

Anritha – Inválido.

Antahkarana – Mente, inteligência e ego juntos. Nosso próprio equipamento interno, a consciência interna. A faculdade interna dos sentidos. Isso é o que passa de um mundo para o outro, de um nascimento para o outro, de acordo com o mérito acumulado.

Aparigraha – Não-aceitação.

Aparoksha – Conhecimento direto.

Ashtanga – Disciplina Óctupla para a Yoga dos Oito Passos: Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Prathyahara, Dharana, Dhyana e Samadhi.

Astheya – Não furtar.

Asthika – Aquele que acredita em Deus, nas escrituras e no Guru.

Asthikam – Era da fé.

Asúrico – Demoníaco.

Atma Swarupa, Atma Swarupam – Autopersonificação; a natureza do Eu superior. O verdadeiro homem em nós é o Eu superior que é a consciência pura.

Atmadroha – Ir contra os ditames da alma.

Atmajnana – Autoconhecimento.

Atmananda – A bem-aventurança da realização do Eu superior.

Atmarama – O Rama que concede alegria eterna, o Atma repleto da fonte de doçura e bem-aventurança.

Atmashanti – Paz individual, o Deus interior.

Avidya – Ignorância.

Avivekasikhamani – “A Nobre jóia dos Tolos”.

Bhava – Atitude mental, sentimento.

Bhajan – Canto em grupo congregacional, adoração feita por devotos com música devocional na qual predomina a repetição dos nomes sagrados.

Bhakta – O princípio da Divindade. Um devoto que tem intenso amor abnegado por Deus.

Bhakti – Devoção a Deus; intenso amor abnegado por Deus.

Bhakti Marga – Caminho da devoção.

Brahmacharya – O caminho que leva ao conhecimento de Brahma, celibato.

Buddhi – Intelecto.

Chaitanya – Consciência, consciência da vida, inconsciente do mundo exterior. A entidade ativa em essência, a natureza divina, sem alegria ou sofrimento, sempre em equilíbrio perfeito.

Chinmaya-thatwa – Ultraconsciência.

Chitsakti – Graça, o princípio da inteligência.

Chit – O coração, consciência, consciência mental interna ou inteligência.

Chittasudhi – Limpeza do homem interno. A sublimação da consciência, clareza, limpeza da mente para que a verdade possa ser claramente refletida.

Deho Devalayam – “O Corpo é o Templo.”

Dharana – Concentração, atitude constante da mente.

Dharma – Retidão; religião; código de conduta; dever; natureza essencial de um ser ou objeto. Mantém o universo interno. O homem é estimulado a praticar o Dharma para alcançar o bem-

estar material e espiritual. Os Vedas contêm as raízes do Dharma. Deus está naturalmente interessado pelo reino do Dharma.

Dhyana – Meditação: um fluxo contínuo de pensamento em direção ao abjeto de concentração. A meditação estabiliza e acalma a mente, fazendo-a apta para a realização no decorrer do tempo.

Drisya – O mundo objetivo, aquilo que se vê ou visível.

Eswarapranidhana – Entrega ao Senhor.

Gerua – Ocre.

Gopis – Vaqueiras.

Gunas – Qualidades.

Ichhasakthi – A força de vontade.

Jada – Matéria inerte, criação, qualquer coisa que não seja sat (ser) e chit (consciência). Inanimado, inconsciente, quieto, inativo. Material que é aparentemente diferente de Brahman, tudo que é limitado pelo tempo, espaço e objetividade.

Jagat – Este espetáculo passageiro. O mundo passageiro, inconstante, transitório e irreal; o universo, a criação, mundo de mudança.

Japa – Repetição com devoção de um nome sagrado ou de um mantra sagrado praticado como uma disciplina espiritual.

Jiva – Alma individual em estado de não-compreensão de sua identidade com Brahman. É auto-ilusão, fronteira do espírito, inconsciente de sua própria verdadeira natureza. Está sujeito a sensações de dor e prazer, nascimento e morte, etc.

Jnana – Conhecimento sagrado; conhecimento espiritual, adotado como meio de autorrealização. É a experiência direta de Deus, como a Alma das almas. Jnana faz o homem onisciente, liberto, destemido e imortal.

Jnana Marga – O caminho do conhecimento.

Jnanam – A mais elevada sabedoria.

Kama – Desejo.

Karma – Ação; obra; trabalho; ritual religioso; a totalidade das tendências inatas formadas como consequência de ações realizadas em vidas passadas. Todo karma produz uma impressão duradoura na mente do executor, independente da influência sobre os outros. A repetição de um karma em particular produz uma tendência (vasana) na mente. O karma é de três tipos: 1) Prarabdha: aquele que está sendo esvaziado; 2) Agami, que está sendo acumulado na vida atual; e 3) Samchitha, que está guardado para ser experienciado em vidas futuras. Akarma é ação feita sem qualquer intenção de obter as consequências; Vikarma é ação feita intencionalmente.

Karma Marga – Caminho da ação.

Kirthana – Contemplação concentrada na glória de Deus.

Kroda – Raiva.

Kumbhaka – Retenção da respiração.

Kurukshetra – A batalha que é o ponto culminante da história do Mahabharata.

Lokashanti – Paz mundial.

Mamakara – O sentimento de “Eu sou o desfrutador”.

Manana – Chamar à mente aquilo que foi ouvido.

Manas – Mente, o órgão interno que tem quatro aspectos: 1) Mente (manas), que pondera, desejos e sensações; 2) Intelecto (buddhi), que entende, raciocina e decide; 3) A percepção do “Eu”

(ahamkara) e 4) Memória (chiththa). A mente, com todos os seus desejos e suas produções, esconde a divindade dentro do homem. A purificação da mente é essencial para a realização do Eu Superior.

Manthri – Ministro.

Maya – O poder misterioso, criativo e ilusório de Brahman através do qual Deus projeta a aparência do Universo. Maya é a causa material e Brahman, a causa eficiente do Universo. Brahman e Maya estão inextricavelmente associados, assim como o fogo e seu poder de aquecer. Maya ilude as almas individuais (jivas) com o egoísmo, fazendo com que se esqueçam de suas verdadeiras naturezas espirituais.

Mithya – Mistura de verdade e falsidade.

Moksha/Mukthi – Libertação de todos os tipos de sujeição, especialmente ao ciclo de nascimento e morte. É o estado de absoluta liberdade, paz e bem-aventurança, alcançada através da autorrealização. Esta é a suprema meta do esforço humano, sendo as outras três: a retidão (dharma), riqueza e poder (artha) e prazer sensório (kama).

Mounam – Silêncio. Significa ficar além da influência de todos os sentidos e sempre estabelecido na consciência da própria Realidade.

Nididhyasana – Concentração na verdade sobre o Eu superior após ouvi-la (sraavana) através do guru e refletir sobre ela (manana). É assim o terceiro passo no Caminho do Conhecimento (Jnana Yoga).

Nirvikalpa – Ausência de agitação.

Nirvikalpa mounam – Estabelecido eternamente no divino.

Nirvishaya – Sem objetivo.

Nirvikalpa samadhi – Estabelecido eternamente no divino.

Nivritimarga – Caminho do desapego, caminho Interior.

Niyama – Disciplina, controle dos sentidos externos, pureza, sendo sempre cheio de alegria, engajado em austeridades (tapas) ou na recordação constante do nome de Deus (japa). A condição de amor (prema) firme na Divindade, o tempo todo, sob todas as condições.

Niyamastha – A pessoa que alcançou o estado de Niyama.

Papa – Mal.

Parathatwa – Princípio Absoluto.

Parabrahma – O universal absoluto.

Paramananda – A bem-aventurança suprema, imortalidade.

Paripurna – Completo.

Parokshajnanam – Conhecimento indireto.

Phalabhogaviraga – A renúncia do desejo por gozar os frutos de uma ação é também essencial.

Purnaka – A inalação do ar.

Prakanthi – Glória do Esplendor Espiritual.

Prakrithi – Natureza; o Poder Divino de Formação; também conhecido como Maya Avidya ou Shakti; o mundo da matéria e da mente como oposto ao Espírito. Prakriti possui três disposições ou gunas (satva, rajas e tamas), que entram na composição de todos os seres animados e inanimados do Universo, em proporções variadas, levando à aparência da infinita multiplicidade em forma, natureza e comportamento.

Prana – Alento vital.

Pranayama – Geralmente significa controle e regulação da inspiração e da expiração.

Prarabdha – Karma herdado.

Prashanti – Paz interior inalterada.

Prathyaharam – A força diretiva fundamental de todos os sentidos.

Pravritimarga – Caminho do apego.

Prema – Amor extático de Deus; amor divino do tipo mais intenso.

Priyam Vada – “Fale de maneira agradável.”

Punya – Ações meritórias.

Raga – Paixão ou apego.

Rajásico – Qualidade associada com a cor vermelha: ativo, passional. O aspecto ativo e potente da energia primordial. Exemplo de comportamento rajásico é raiva, ganância, ódio, etc.

Rasa – Aroma, sabor, doçura, atração, desejo. O próprio Deus.

Rechaka – Método na prática de pranayama para obter controle dos cinco ares vitais.

Rupa / Rupam – Forma, aparência.

Sadguna – Virtude, boas qualidades.

Sadguru – O verdadeiro professor.

Sakshatkara – A meta da vida. A visão final.

Sadhaka – O aspirante ao progresso espiritual. Aquele que está praticando as disciplinas para superar seu egoísmo e ganância, o sentido de “Eu” e “Meu.” Uma pessoa no processo de superar os vínculos aos elementos um por um, através do desapego.

Sadhana – Disciplina espiritual ou esforço concentrado na realização de Deus. O aspirante espiritual usa a disciplina espiritual para alcançar a meta da realização.

Sadhu – Homem desapegado, devotado, virtuoso, aspirante sábio e bom.

Sama – Controle dos sentidos.

Samadhi – Literalmente, total absorção. Estado de superconsciência resultante de união ou absorção na realidade suprema, o Atma. Equanimidade perfeita.

Samarasa – Equanimidade, visão de igualdade, fluxo do tempo.

Samsara – A vida mundana; a vida da alma individual através de repetidos nascimentos e mortes. A libertação significa ficar livre deste ciclo.

Sanchita – O karma acumulado.

Sankalpa – Intenção, desejo, resolução, plano de ação, conclusão mental, vontade Divina, a vontade de Deus, graça.

Santha-bhakti – A devoção expressa através da paz.

Santosha – Felicidade, alegria.

Shanti – Paz, paz mental imperturbável, equilíbrio, equanimidade, desapego, a perfeita equanimidade da realização.

Sarvamangala – Alegria e vitória.

Sath – Verdadeiro; realidade; existência; aquilo que não sofre mudança; existência Imortal; aquilo que persiste no passado, presente e futuro; não afetado pelo tempo.

Sat-Chit-Ananda – Ser-Consciência-Bem-Aventura. A mais elevada bem-aventurança, a consciência universal onipresente, existência, conhecimento, bem-aventurança.

Satsang – A companhia dos bons, dos devotos, dos sábios, de pessoas inclinadas a Deus. A companhia daqueles que temem o pecado e a Deus.

Satva – Um dos três gunas (qualidades e disposições) de Maya ou

Prakriti. É a qualidade da pureza, do esplendor, da paz e da harmonia. Leva ao conhecimento. O homem é estimulado a superar tamas por rajas e rajas por satva, e finalmente ir além até de satva para alcançar a libertação.

Sátvica – Pura, boa e virtuosa, calma, serena, não agitada. A qualidade branca, não afetada. A fala, a conduta e o comportamento da pessoa não são alterados pela paixão ou emoções como o ódio ou orgulho.

Sathya – Verdade, verdade que não é modificada pelo tempo ou espaço ou pelos gunas. É aquilo que é o mesmo no passado, presente e futuro; o mesmo nos estágios: acordado, sonhando e no sono profundo.

Savikalpa samadhi – É o samadhi com ideação. É a bem-aventurança obtida do aspecto forma de Deus.

Shakti – Poder, habilidade, capacidade saúde física e agilidade mental, energia divina, a força necessária para adquirir alegria inabalável. A deusa que energiza o universo, a mãe do universo.

Sokshma – Sutil.

Soucha – Pureza.

Soukya – Felicidade.

Sradha – Fé.

Sravanam – Escutar os discursos.

Sthirasukham-asana – Postura estável e confortável.

Sthola – Grosseiro.

Subha – O bem.

Sushupthi – O sono profundo.

Swadhyaya – Estudo.

Swarupa – Realidade.

Tamas – Um dos gunas (qualidades e disposições) de Maya ou Prakriti. É a qualidade da estupidez, da inércia, da escuridão e da tendência ao mal. Resulta na ignorância.

Tamásico – Qualidades ou atributos sombrios, a qualidade “negra”, inerte. Almeja prazeres objetivos através do apego aos sentidos.

Tamoguna – Qualidade da estupidez, ignorância e todos os males que deles surgem. Tamoguna não pode alcançar a realidade. Um sinal de Tamoguna é abandonar a ação, uma vez que não se pode beneficiar do fruto dela.

Tapas – Prática espiritual disciplinada para controlar e coordenar as funções do corpo. Austeridade, o sacrifício e o ascetismo que conquista a graça de Deus, desapego.

Tejas – Esplendor.

Thapatraya – A Aflição tripla, os problemas triplos referentes ao passado, presente e futuro.

Thailadharavath – O fluxo de óleo, de um recipiente para outro.

Thathwa – Princípio.

Triputi – A natureza tripla.

Udasenabhava – O estágio de desinteresse, a condição da pessoa que compreendeu a Verdade. Não haverá nunca mais outro, tudo o que existe é ele próprio. A atitude da naturalidade.

Udasenatha – A atitude da naturalidade.

Uparathi – A retirada dos sentidos do mundo objetivo.

Vairagya – Desapego; desejo e habilidade para abandonar todos os prazeres transitórios.

Vak – Palavra.

Vasana – Desejos, tendências.

Vichakshana – Vivacidade do intelecto, discernimento, análise, a decisão correta, O anseio de enobrecer suas ações.

Vikalpa – Agitação ou atividade.

Viveka – Discriminação; o raciocínio pelo qual a pessoa compreende o que é real e permanente e o que é irreal e impermanente.

Vyashti – Particular.

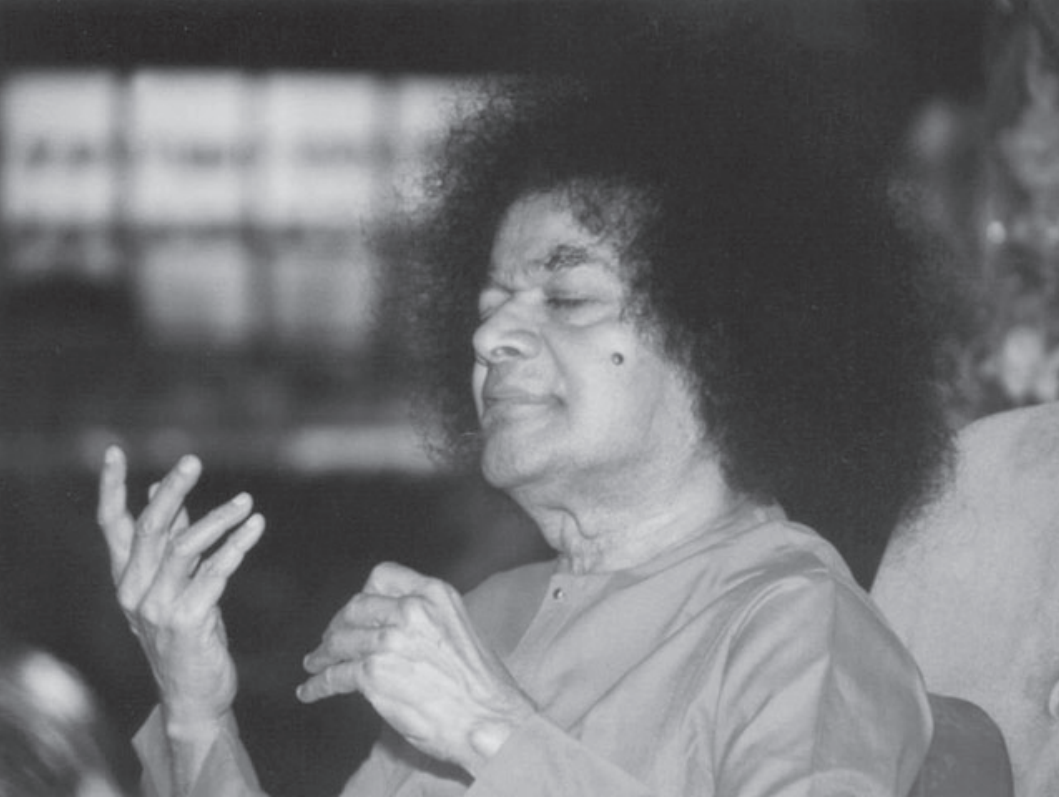
Yaga – Ritual védico ou sacrifício. Qualquer ato de autonegação em serviço do nome de Deus.

Yajna – Ritual de sacrifício espiritual.

Yama – Abandono do apego ao corpo e aos sentidos. Yama inclui não violência (ahimsa).

Yoga Marga – Caminho do Yoga.





OM SRI SAI RAM



